

Revista de Espiritismo

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

SUMÁRIO:

Lei da Causalidade (KARMA) — DR. ANTÓNIO J. FREIRE.

As vias da Redenção — ANTÓNIO L. VILELA.

Maldicência — Benevolência — D. MARIA O'NEILL.

O Espiritismo — SILVESTRE DE S.^{TA} MARTA.

A Alma Humana — (NEOPSIQUISMO EXPERIMENTAL) — DR. ANTÓNIO J. FREIRE.

Naturismo — JOSÉ A. MANIQUE DE ALBUQUERQUE.

Crónica Brasileira — C. SCHUTEL.

Crónica Estrangeira — PEDRO CARDIA.

Factos Supranormais.

Boletim da Federação Espírita Portuguesa — A DIRECÇÃO.

Noticiário

Caixa de Propaganda.



Redacção e Administração:

RUA DA ASSUNÇÃO, 58
LISBOA
PORTUGAL

Número avulso 3\$00

Revista de Espiritismo

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Administradores: { Vasco Infante da Camara
Raul Zagalo Fernandes

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — LISBOA

Comissão Directiva: Dr. Afonso A. Martins Velho — Dr. Adolfo Sena —
Dr. António J. Freire — António L. Vilela — Alberto Zagalo Fernandes —
Dr. José Neves J.^{or}.

Secretário de Redacção: Pedro Cardia.

Redactores: D.^{ra} Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni
Lacombe — D. Maria Veleda — Conselheiro Dr. João José da Silva —
Dr. Carneiro de Moura — Dr. João Antunes — Dr. Évora Macedo — Dr. Amíl-
car de Sousa — Capitão A. Carnell — Prof. Arantes Pereira — Engenheiro
José A. Manique de Albuquerque — Joaquim Quintela Paixão — Manuel
Cavaco — Ramiro Guedes de Campos — Fernando Almiro N. Vale — Carlos
dos Santos Paiva — José M. Pereira Bravo — Capitão de Fragata Seve-
riano Ivens Ferraz — Capitão José B. Pinto da Silva — Capitão Augusto
da Silva Flores — Capitão Eurico de Castro Zuzarte — Tenente Manuel
Caetano de Sousa.

ASSINATURAS

Portugal Continental e Ilhas Adjacentes .. (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... (»)	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estados Unidos da América do Norte.... (dolares)	\$1,50
Estrangeiro..... (francos franceses)	30

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

DEPOSITARIOS

LISBOA — LIVRARIA AILLAUD & BERTRAND — Rua Garrett, 73-75

PORTO — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

COIMBRA — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.^{DA} — Rua Ferreira Borges

BRASIL — Agente Geral: Sousa do Prado - R. do Senado, 12 - RIO DE JANEIRO

Este número foi visado pela co-
missão de censura de Leiria.

Revista de Espiritismo

Órgão da Federação Espírita Portuguesa

Lei da Causalidade

KARMA

O Espiritismo, como uma das mais belas e radiantes eflorescências do neo-espiritualismo contemporâneo, com posição marcante e definida, científica e filosóficamente, no pensamento moderno, só tem uma *ideia-base* em tôda a sua magnificência e esplendor — **Deus** — Uno, Indivisível, Único Criador do Universo, mas não pela sua fragmentação, o que representa o erro crasso do panteísmo, e o revoltante e rendoso sacrilégio de algumas confissões religiosas.

Deus cria, sim, contínua e ininterruptamente, mas só pela força da Sua Vontade Omnipotente e do Seu Pensamento Omnisciente.

A vontade é o motor das *formas-pensamento*, a quem dá expressão, vida, realidade, para todo o Universo, nas suas incontáveis modalidades.

Deus é espírito e só espírito — disse Cristo — o Mestre dos Mestres.

*

O Espiritismo há-de triunfar, sejam quais forem os obstáculos e empecilhos com que pretendam atravancar o seu caminho glorioso e progressivo, porque é a *mola-real* propulsora da evolução dêste planeta, e o agente da transição do estádio actual de provas e de sofrimentos para o imediato estádio de regeneração, onde então, e só então, reinará soberanamente, em ondulações de amor, de bondade e de fraternidade, porque é o legítimo e leal representante do Governador e Orientador dêste planeta — Cristo, o nosso grande, o nosso maior Mestre.

O estudo filosófico das Religiões Comparadas, e a análise da linha de evolução religiosa neste planeta, confirmam êste ponto-de-vista, que tem a sua plena sanção no objectivo que visa a maior parte das comunicações espíritas, quando elevadas e sérias, quando ditadas pelo Astral Superior, que pululam aos milhares em todo o mundo civilizado, na mesma comunhão de Ideal, só visando encorajar-nos para a Lei do Duplo Amor Evangélico, e apostolizar e implantar o Cristianismo de Cristo, *em espírito e verdade*, que é a essência e razão de ser do Espiritismo.

E' dever indeclinável que trabalhemos com denodo e coragem para cooperarmos nessa obra grandiosa e sublime da regeneração desta Humanidade, desorientada no turbilhão dos seus vícios e paixões, que atravessa à hora actual um dos períodos mais críticos na sua linha evolutiva, quasi inconscientemente, em consequência de terem "**chegado os tempos**", e estarmos no limiar da passagem para um novo estádio planetário — o terceiro.

Como em todos os grandes períodos de transição planetária — *será separado o trigo do joio* —, isto é, será feita a selecção regulada pelas leis da Justiça Suprema, incarnada nos seus legítimos representantes, e escorraçados para mundos

inferiores os endurecidos e obstinados no mal, a-fim-de não perturbarem a evolução e o desejo ardente de progredir dos escolhidos. **Lógico e justo.**

*

A Harmonia Universal, que só a perversão humana, derivada da vaidade e da ambição, anarquiza, temporária e parcialmente, no seu limitado livre-arbítrio e no estreito círculo da sua operatividade, é a resultante do maravilhoso dinamismo de leis sábias e justas — **imutáveis, universais e eternas** — que constituem a admirável e sublime **Sciência Universal**, — que só é apanágio de Deus na sua integração, e cujo conhecimento é proporcional ao avanço moral dos espíritos.

Deus é o foco vivificante e aurifulgente que irradia para todo o Universo, o fulcro em volta do qual gravitam todas as leis básicas do Espiritismo, fulgurantes de amor e de justiça, que só Deus ditou, e que Cristo aplica, regula e orienta para este planeta, como seu legítimo delegado e representante, em consequência das relações fluídicas, puras e imaculadas, que o mantem em contacto vibratório com o Supremo Poder.

Dentre essas leis destacam-se três, que constituem uma das pedras angulares do Espiritismo, sendo a chave de tantíssimos mistérios, resolvendo, lógica e racionalmente, as maiores incógnitas que têm agitado o cérebro humano :

1.^a **Lei da evolução universal**, abrangendo todo o domínio físico, intelectual e espiritual, de que o evolucionismo da ciência oficial é apenas um pálido reflexo e lógico corolário, na parte que está certa ;

2.^a **Lei das reencarnações**, dos renascimentos ou das vidas sucessivas ;

3.^a **Lei da causalidade** ou da acção e da reacção : Karma.

Se de cada uma destas leis, em separado, resalta uma beleza moral inexcédível e inegalável, do seu conjunto, do seu mecanismo, em que mutuamente se interpenetram e entrelaçam, brilham mundos feéricos de maravilhas em que O Infinito Amor e A Suprema Justiça se dão as mãos, convidando-nos a prosternarmo-nos numa religiosa adoração, tecida de reconhecimento, veneração e admiração, por esse Deus, que reserva a todos os seus filhos, sem excepção — **A Criação** — esplendores que mal divisamos, por nos deslumbrarem, nos ciclos evolutivos, impostos por essa mão paternal e afável, cheiinha de amor e de indulgência, de inteligência e de justiça.

A lei das reencarnações e a lei kármica são os dois polos em que gravita a lei da grande evolução e por consequência a lei do progresso individual.

A ciência oficial, limitando-se a estudar o homem do berço ao túmulo, como produto do transformismo, da hereditariedade e da mesologia, cometeu o erro crasso e grosseiro de tomar a parte pelo todo, circunscrevendo acanhadamente o seu campo de acção, a sua esfera de influência, confundindo causas com efeitos, em consequência de ter partido a linha de lógica continuidade com o passado e com o futuro, no ciclo evolutivo de cada indivíduo, perdendo o fio filosófico que deve conduzir e orientar todos os ramos da ciência.

E' precisamente esta linha de continuidade que é regida invariavelmente pela **Lei Kármica**, que regista e comanda todas as variações e sinuosidades da nossa linha evolutiva na trajectória ciclópica, colossal, fantástica, que vai do mineral ao vegetal, do vegetal ao animal, do animal ao infra-humano, do infra-humano à humanidade, para atingir o plano Crístico — o mais elevado que conhecemos.

Eterno Ashavérus, o homem, no seu incessante caminhar, actuando pela conjugação das duas fôrças gigantescas indestrutíveis, *alma-mater* do seu espírito — o poder-vontade aliado às formas-pensamento — aguilhoado pela lei irredutível do eterno progresso, rola através do Infinito e da Eternidade, na ânsia insofrida e ingente do velho Prometheu, à conquista das máximas culminâncias da Perfeição Espiritual e da Sciência Integral, as duas linhas paralelas da sua grande evolução.

* * *

O Karma (do sânscrito — **acção** —) é o grande motor consciente, o entrelaçamento de causas e efeitos, resultantes da actividade individual, e o agente da formação do nosso carácter, regendo e condicionando as nossas vidas sucessivas, circunscrevendo o nosso campo de acção e de operatividade, no ciclo individual, colectivo e social, ligando-nos pelos seus laços causais à família, raça, nação, planeta e sistema solar.

Karma é o encadeamento lógico e justo de causas e efeitos, onde está focada tôda a actividade humana na linha do seu progresso ascensional.

Karma é o traço de união, emanado da Suprema Justiça, que liga as causas passadas com os seus efeitos futuros.

Cada vida é simultâneamente uma colheita e uma sementeira: — irreductível pela *fatalidade lógica*, na colheita; libérrima, pelo nosso livre-arbítrio, na sementeira.

Cada vida é isòcronamente uma colheita de efeitos, cujas causas foram semeadas nas vidas passadas, e uma sementeira de causas, cujos efeitos hão-de desabrochar nas vidas futuras.

Se ontem semeámos abrolhos, colheremos hoje necessàriamente, fatalmente, espinhos; mas se plantarmos hoje um lindo jardim, colheremos amanhã flores lindas e deliciosamente perfumadas.

Em síntese: — o karma é o fruto do passado e o gérmen do porvir.

Acasos, imprevistos, fatalismos, predestinações divinas, má-sorte, são palavras vãs de sentido, produto mórbido da ignorância ou da má-fé, incompatíveis com o método, com a ordem, da maravilhosa Harmonia do Universo, fremente de luz e de amor, e que só provocariam a anarquia e o desequilíbrio universal.

Por outro lado, — ¿ como se poderiam compreender as diferenças sociais, as ideias inatas, as crianças-prodígios, o rico ao lado do mendigo, o génio e o sábio ao lado do ignorante e do cretino, o herói ao lado do traidor, o benemérito ao lado do assassino, o justo ao lado do pecador, a não ser pelo mecanismo da lei kármica, como resultantes das tendências, hábitos, caracteres, funções de um sem-número de formas-pensamento estáticas ou dinamizadas em actos, acumuladas e adquiridas em tantíssimas vidas anteriores?!...

Hereditariamente, nas mesmíssimas condições mesológicas, em perfeita igualdade de educação e de instrução, encontramos, a cada passo, irmãos com os caracteres mais diferenciados e antagónicos, quer entre si, quer em relação aos seus progenitores.

Não tenhamos ilusões. Pensamentos e actos são a matéria prima, que sofre constante e invariavelmente a acção kármica, que domina tôda a actividade humana através dos nossos renascimentos sucessivos.

*

Se o karma é duma simplicidade encantadora no seu enunciado, tem, em compensação, modalidades muito complexas no seu mecanismo e realizações objectivas. E, assim, propomos a seguinte classificação, que julgamos ser a mais completa à hora actual, considerada cada vida em particular:

- 1.º *Karma explosivo* ou dinâmico;
- 2.º *Karma latente* ou estático;
- 3.º *Karma inato*, de carácter, provisório ou de transição;
- 4.º *Karma adquirido* ou germinativo;
- 5.º *Karma do ideal*;
- 6.º *Karma dissociado* ou bifronte;
- 7.º *Karma colectivo*.

O karma explosivo é constituído pelos efeitos de causas remotas, que vão explodir em cada vida, regidos pelas leis subsidiárias da expiação e da reparação, formando o trama dos acontecimentos inevitáveis e irreduzíveis de cada vida, previamente escolhidos e determinados antes de cada reencarnação e sua causa eficiente.

O karma latente é também formado por causas semeadas em vidas passadas, mas que permanecem em estado letárgico, por incompatíveis com a realização e execução do karma explosivo, aguardando a sua manifestação para novas vidas futuras, onde só ou acumuladas organizarão um novo karma dinâmico.

O karma inato é aquele que traduz todas as tendências e inclinações que trazemos com o nascimento, obtidas pelo labor das vidas passadas, formando o nosso feitio e temperamento, dando-nos todo o relêvo individual e de carácter tentando dominar e orientar tôda a nossa actividade moral e intelectual.

O karma adquirido é constituído por todos os novos elementos morais e intelectuais, que conquistarmos em cada vida, impulsionados pela lei da evolução, que reagindo sôbre o karma inato, vão organizar o futuro karma de carácter na vida sucessiva, sendo desta reacção que resulta o nosso progresso nos seus múltiplos aspectos.

O karma do ideal é edificado sôbre a nossa *ideia fixa*, construtiva, dominante, absorvendo as formas-pensamento mais intensas e mais queridas, sendo a directriz da luta entre o karma inato e o karma adquirido e aquele que maior influência terá no astral, depois da desincarnação.

O Karma bifronte consiste no antagonismo entre a intenção reservada da forma-pensamento e a realidade objectiva do acto correspondente, imperando a parte intencional no karma de carácter e lançado à conta de crédito no karma latente o valor real, positivo ou negativo, do acto realizado. E' apanágio dos hipócritas.

O Karma colectivo é constituído por todas as irradiações de amor e de ódio, quer objectivadas em actos, quer acumuladas em formas-pensamento nos escaninhos das nossas almas, no seu departamento *causal*, impondo em cada renascimento a família, meio social e pátria, provenientes de antigas e mútuas correntes de interesses, amizades e inimizades, criando o ambiente e as circunstâncias em que se hão-de saldar as contas kármicas, fazendo desenrolar o cenário mais ou menos trágico do karma explosivo, a-dentro-de um meio social solidário.

*

Só o homem é o árbitro do seu destino, escolhendo a linha recta — *Cristica* — ou linhas mais ou menos sinuosas através da sua evolução e progresso.

A lei kármica é a poderosa mão de ferro que pesa inexoravelmente sôbre tôda a humanidade — delegada da Soberana Justiça — para o resgate dos seus crimes e desvarios, por intermédio das leis auxiliares do arrependimento, da expiação e da reparação.

Na realidade, a expiação não corresponde a um castigo, mas sim a uma lição.

A expiação tem dois fins: fazer conhecer a lei natural, imutável e eterna, que, consciente ou inconscientemente, foi desprezada ou espesinhada; e impôr o devido respeito por essa lei, cujo exacto cumprimento faz parte integrante da Harmonia Universal. A lição será mais ou menos demorada, mais ou menos dolorosa, conforme o grau de entendimento e de aplicação do aluno, porque cada vida é simultaneamente uma lição e uma liquidação de contas kármicas, e cada estágio planetário uma grande universidade.

O arrependimento traduz o conhecimento pleno da lei natural e divina em que prevaricámos, e o desejo (tantíssimas vezes não realizado) de a respeitarmos de futuro.

Sendo o remorso a máxima expressão do arrependimento e já por si uma expiação intrínseca, poderemos talvez formular a seguinte lei moral: o arrependimento é directamente proporcional ao remorso e inversamente proporcional ao grau de expiação intrínseca ou material. Sendo assim, as aplicações desta lei teem um enorme alcance prático e o estudo que temos feito de muitos centenares de comunicações medianímicas levam-nos a esta conclusão: a expiação será tanto menor, quanto mais intenso fôr o arrependimento.

Sôbre a lei subsidiária da reparação, que é uma das finalidades primordiais da lei kármica, Cristo definiu-a numa síntese admirável de verdade, de justiça e de concisão: *pagarás até ao último ceitil.*

Há ainda uma lamentável confusão na interpretação em conjunto das leis subsidiárias da lei kármica: lei do arrependimento, lei da expiação e lei da reparação. No entanto, quem profundar os ensinamentos que nos veem do Astral Superior, facilmente desvanecerá dúvidas e equívocos; de resto o bom-senso e um pouco de raciocínio muito podem esclarecer êste escabroso assunto, do mais alto interêsse e digno de estudo profundo, que ainda não fizemos completamente.

*

O homem é realmente escravo do seu passado, vergado ao pêso do seu karma; mas, em compensação, é soberano do seu futuro radiante e glorioso, quando em cada vida depure o seu karma inato, expurgando-o de todas as impurezas oriundas dos seus vícios e paixões, esmigalhando as grilhetas do orgulho e do egoísmo contra a muralha de amor e de caridade cristã, causas eficientes das nossas enfermidades morais.

Só escorraçando todos os sentimentos da **Separatividade Fraternal** — ódio, inveja, vingança, hipocrisia, maledicência, sensualismo, cólera, etc., etc. — e cultivando com todo o carinho e fervor os sentimentos da bemdita **Unidade Fraternal** — altruísmo, abnegação, bondade, perdão, benevolência, etc., etc. — tomando por norma a Lei do Duplo Amor Evangélico, e por ideal a Lei do Sacrifício que tem por culminante expressão a Renúncia de Cristo, discípulos submissos do Mestre dos Mestres, olhos postos no Altíssimo Poder, visando apenas o Bem Geral, dilatando o campo de acção da nossa actividade intelectual e moral, assim e só assim poderemos dominar e reformar o nosso *mau karma* inato, num karma adquirido resplandecente de luz e de amor, que irá reflectir-se na futura reencarnação, criando-lhe uma atmosfera de bonança e de felicidade na estrada dolorosa e cruciante das vidas sucessivas.

*

A lei kármica, em tôda a sua simplicidade justiceira, em ondulações vagas e imprecisas, emerge da alma popular em muitos adágios de uso corrente, confiando na sanção moral, que os acontecimentos hão-de encadear, mas sem lhe compreender o seu complexo mecanismo e acção. São deveras sugestivos os dois provérbios: «*filho és, pai serás; assim como fizeres assim acharás*» — «*quem semeia ventos colhe tempestades*».

No monte das Oliveiras, quando o bom Apóstolo Pedro feriu Malco, Cristo formulou a lei kármica, mandando embaïnhar a espada, dizendo: — **quem com ferro mata, com ferro morre.**

Tanto o Velho Testamento como os Evangelhos estão repletos de casos variados e interessantes da aplicação da lei kármica, sobressaindo pela beleza moral e pela justiça imanente a degolação de João Baptista — o Precursor — mandada efectuar por Herodes Antipas.

Todos os espíritas sabem que Moisés, o grande profeta Elias e João Baptista foram três vidas sucessivas do mesmo espírito.

Vê-se nitidamente como cada vida dêste santo varão é o reflexo da vida anterior, numa linha de continuidade progressiva coerente, norteada pelo mesmo ideal de perfeição e de sacrifício pelo Bem da Humanidade.

Cristo, declarando que João Baptista era o maior dos homens *nascido do ventre de mulher*, considerava-o, *ipso facto*, o espírito mais evolucionado e perfeito daquela época.

¿ Como conciliar a altíssima elevação moral do percursor de Cristo com a sua morte violenta e cruciante ?

— Agora e sempre a lei kármica.

Os morticínios mandados executar por Moisés, por intermédio de seu irmão Aarão e da tribo de Levi sôbre as tribus idólatras do Bezerro de Ouro, quando desceu do Monte Sinai, onde tinha recebido as famosas Táboas da Lei, em volta de fenómenos medianímicos e espíritas dos mais extraordinários de que há memória; e o facto de Elias ter mandado trucidar os idólatras do Baal, eis as causas que constituíram o KARMA EXPLOSIVO daquela vida de João Baptista, determinando a sua degolação.

*

E' da máxima urgência e absoluta necessidade, que tôda a Humanidade se compenetre que infracção alguma às leis naturais e divinas fica impune; que todos os pensamentos e actos ficam irrevogavelmente esculpidos no seu karma, actuando a intenção duma forma especialmente activa na formação do karma de carácter, e mesmo as formas-pensamento não realizadas hão-de ter, fatal e lógicamente, repercussão num futuro mais ou menos próximo.

A lei da acção e da reacção, tanto tem aplicação no mundo físico, como no moral e no mental.

Quando a lei kármica fôr compreendida e vulgarizada no seu real significado e complexo mecanismo por todo êste atrasado planeta, será uma das mais potentes alavancas do progresso, e um factor determinante da renovação moral da sociedade, que então terá aprendido e praticado um dos mais interessantes e proveitosos capítulos da sciência da alma e uma das leis mais importantes do Espiritismo.

ANTÓNIO J. FREIRE

As vias da Redenção

Cada causa tem em si o gérmen de todos os seus efeitos, e é, por sua vez, efeito duma causa anterior, dentro do domínio da nossa relatividade contingente.

Mas, remontando ao infinito, chegamos à *Causa Primária*, absoluta e necessária, que há-de conter em si tôda a virtualidade de ser, na expressão máxima de todos os atributos reais.

Desde, porém, que a causa contém em gérmen todos os seus efeitos, existe nestes uma parcela da causa que os produziu. Porisso mesmo, em todo e qualquer efeito, reside uma parcela da *causa primária* que os contém a todos num estado de privação de ser.

E' esta a relação ideal que liga Deus a todos os sêres e constitui o segredo da sua *Omnipresença*.

Essa scintilla divina — virtualidade de potencialidades infinitas — é, ao mesmo tempo, o centro dinâmico da perfectibilidade e o vértice permanente da consciência. Daqui decorre, naturalmente, o processo de sabermos alguma coisa de Deus pelo que sabemos de nós próprios, embora a concepção seja sempre incompleta, porque é restrita, e sempre imperfeita, porque é relativa.

A concepção ultrapassa o conhecimento — percepção interior das nossas possibilidades dinamizadas — o que nunca poderia suceder, se não existisse em nós uma virtualidade de Deus.

Assim, fàcilmente, se compreende como Deus existe em tôda a Criação, sem se fragmentar, vitalizando tudo, desde os sistemas miniaturiais de íontes, aos mais amplos sistemas solares, desde o sêr mais elementar ao mais complexo.

Não é preciso, pois, confundir Deus com a Natureza para se compreender a *Omnipresença* divina.

Vamos recorrer ao método de analogia para precisarmos e definirmos mais simplesmente o nosso ponto de vista.

O pensamento, por exemplo, pode considerar-se uma criação do espírito, do qual se exterioriza, individualizando-se. O espírito tem em si o gérmen dos seus pensamentos, manifesta-se nêles, mas não se confunde com êles.

O pensamento fica ligado ao espírito que o produziu, por essa relação ideal que liga o efeito à causa, relação similar àquela que liga a criação ao Criador. Porisso o homem é responsável pelos seus pensamentos.

*

Deus o que criou foi a substância, gérmen de possibilidades ilimitadas, a que a sua *Omnisciência* deu realidade e a sua *Omnipotência* imprimiu movimento.

No acto da criação, o Todo é absolutamente homogéneo, mas, com o movimento, começa logo a diferenciação, porque surge a relatividade.

Assim nasce a Forma a esboçar a individualidade, limitando-a — e o heterogéneo desponta.

Quando a substância possui uma densidade conveniente, e, portanto, a forma, um certo grau de fixidez, individualiza-se o mineral.

A individualização na forma, torna-se mais profunda, penetrando na essência, e o vegetal acorda um dia em que a diferenciação atingiu um grau mais elevado.

O sêr vai subindo na escala vegetal e os instintos da animalidade vão-se elaborando, e depois de atingirem um expoente mais alto, intelectualizam-se pouco a pouco.

Entre os sêres há apenas diferenças de grau e não de natureza; todos tiveram a mesma origem e tem a mesma finalidade. A *simples existência* e a *consciência*

plena, são os dois polos da evolução. A primeira realizou-se no zero do Tempo e no infinito do Espaço, no próprio acto da criação; a segunda realizar-se há no infinito do Tempo e no zero do Espaço, quando a diferenciação atingir a essência mais íntima do Sêr, com o próprio acto da renúncia de si por amor de todos.

Renunciar a si, é integrar-se em Deus.

*

Com a evolução, vai-se alargando o campo de operatividade e portanto o domínio da responsabilidade.

Deus não intervém directamente na criação, mas sim através do determinismo das leis universais, eternas e imutáveis, embora apresentem modalidades infinitas.

A lei geral do equilíbrio, que liga intimamente o efeito à causa, mantém a harmonia perfeita do conjunto, porque a tóda a acção sucede uma reacção da mesma natureza e de intensidade proporcional, mas de sentido contrário.

Esta lei, generalizada para o campo moral, firma o princípio de responsabilidade e é a via única da justiça imanente. Ela actua assim, automaticamente, e ensina o Caminho aos transviados, reagindo sobre êles até restabelecer a harmonia perturbada.

Nos actos conscientes, entra ainda outro factor que toma uma importância capital: é a intenção.

Em todos os casos os sêres são os únicos árbitros do seu destino, pelas modificações que introduzirem no *meio*, correspondentes às suas atitudes.

Se um acto é bom, a reacção constitui o prémio, a recompensa, porque é igualmente boa. Se é mau, tem como reacção aquilo a que o homem chama o Mal, porque lhe desagrada e constitui o seu justo castigo.

Os indús designaram êste princípio sob o nome de *Karma*, nome que, modernamente, vai estando vulgarizado.

Desta forma a justiça é fatal e irrevogável.

A evolução realiza-se, procurando o sêr, instintivamente, o Caminho dos menores atritos.

O indivíduo que segue o Caminho, vai como o nadador a favor da corrente e porisso faz o percurso sem sofrimento e sem cansaço, enquanto aquele que vai contra a corrente experimenta o rijo embate da adversidade, até que o cansaço, em breve, lhe crispa os nervos e a corrente o domina e arrasta penosamente.

Como todos os sêres teem as mesmas possibilidades, de natureza divina, todos possuem também os recursos indispensáveis para triunfar do Mal e caminhar incessantemente em demanda da Perfeição.

Todos os caminhos conduzem para Deus, porque o Tempo e a Dôr são bons pegureiros do rebanho das almas: — não deixam tresmalhar uma só rês.

Porisso não há réprobos condenados a um penar eterno: há, sim, a consequência lógica de todos os actos.

Para subir para Deus, o homem não precisa de intermediários, e é pelo seu esforço apenas, que há-de remir todos os pecados.

A absolvição dos pecados pela Igreja, socialmente, é uma burla; moralmente, uma blasfêmia.

As leis de Deus são sábias e justas e não fica impune nenhuma transgressão.

O arrependimento, a expiação e a reparação — eis as três fases do Karma.

O *arrependimento* consiste no reconhecimento de que se infringiu uma lei divina; a *expiação* tem por fim medir o valor da transgressão, para se avaliar da necessidade da lei; a *reparação* é a prática da lei (que se infringiu) para seu perfeito conhecimento.

O Céu e o Inferno são estados de consciência e existem portanto dentro de nós.

Maledicência — Benevolência

Há muitas formas de fazer assistência e uma das mais benéficas é prestar assistência mental. Talvez a maioria dos leitores se não tenha lembrado do muito que pode fazer pela humanidade prestando-lhe este grande auxílio.

E' vulgar, sôbre tudo entre pessoas de mais limitada instrução, prejudicarem imenso os seus semelhantes pelas más *formas-pensamentos* que criam, embora as não digam, àcerca dos motivos que levam *x* ou *z* a agir desta ou daquela maneira. Julga muita gente que exerce uma grande caridade, porque descobriu uma fraqueza em qualquer criatura e não a diz, e, tenho notado freqüentemente, que resistem a falar com custo e julgam que estão exercendo uma virtude, quando cometem um erro dos piores; julgar os seus semelhantes. O verdadeiro Cristão deve ser verificador da consciência própria até aos mais rencônditos escaninhos, e, pensando no grande trabalho mundial que há a fazer para que a felicidade não seja uma utopia, analisar onde no seu mental começa o trabalho de maldade.

Não há dúvida que, num cérebro normalmente constituído, já não há prazer em pensar mal de ninguém, mas como os maus pensamentos pululam no Espaço, é-se freqüentemente atingido por eles. O ser, que deseja não prejudicar, expulsa imediatamente tôda a idéa nociva, para quem quer que seja, não só porque nada deve querer ter com os sentimentos e actos maus dos outros, como porque qualquer idéa má a que dê guarida sem desenvolver ou dar origem a outras boas. Essas infecções mentais dão muita vez ao desgraçado, vítima delas, fôrça para praticar actos que sem o impulso do pensamento alheio não teria praticado a-pesar-da sua grande fraqueza moral. Portanto, o primeiro passo de caridade, no campo da assistência mental, é nunca dar abrigo a pensamentos venenosos e não pensar dos outros o que não desejamos que pensem de nós. O segundo é nunca repetir qualquer facto, de que se tenha conhecimento, e prejudique alguém.

« Quem fala mal dos seus semelhante, diz um grande discípulo, desobedece ao divino Mestre. »

Nesta breve frase está tudo dito. São inúteis comentários.

O terceiro passo que podemos dar na assistência mental é *fechar os ouvidos*. Quere dizer não ouvir nada em desabôno de pessoa alguma. Isso é muito desagradável para aqueles que só se entreteem com as vidas alheias, mas obriga-os a buscar outros assuntos de conversa, fazendo-os notar que existem temas muito interessantes para conversação, sem que afectem as reputações dos outros. Devemos falar verdade, mas sem esquecer que *nem todas as verdades se dizem* e que uma verdade que se repete pode dar causa aos piores males. A palavra, depois de solta, é pior do que a pedra, não se pode recolher e ninguém pode saber onde o seu efeito finda.

O silêncio é o grande meio de não nos arrependermos.

A expulsão de todo o pensamento que não seja límpido é um dever na escala da benemerência. Verdadeiramente até aqui não se trata de bem-fazer, mas sim de não fazer mal. Em seguida é que vem o bem que podemos pôr em prática. Escolhamos, cada dia, uma pessoa que saibamos deprimida moralmente e enviemos-lhe durante êle, de quando em quando, um pensamento de affecto e coragem. Não podem imaginar a grande acção do pensamento alheio nas nossas mentes, nem as fôrças que êle nos incute para aceitarmos tudo com calma e resignação.

Podia citar mais de uma dezena de casos verificados, mas prefiro que cada qual verifique por si.

Não tenhamos idéas preconcebidas àcerca de ninguém.

Mais vale ser ingénuo que malévolo; e benevolente do que severo. E, quando assim não procedam pelo interesse alheio, que o interesse próprio lhes recorde que as nossas faltas serão julgadas pelo critério da nossa consciência que, geralmente, só conhecemos bem, quando nos não é aplicado,

A perspicácia não é qualidade de invejar, se não é acompanhada de discernimento.

Não há ninguém absolutamente mau. Se os leitores entrarem na Penitenciária e falarem com os condenados a penas maiores, verão que todos eles lhes parecem excelentes pessoas. Foi um momento em que a sua razão se turvou ou pelo vinho, pela cólera ou por influências estranhas. Esse motivo são eles geralmente, os primeiros a lamentá-lo, o que não admira, visto que lhes sentem os efeitos; mas explicá-lo não sabem. Eles *não pensavam, não desejavam, não queriam*, mas eil-os em frente do facto consumado, e raríssimas vezes se aplaudem de o ter praticado.

Assim nós, excelentes pessoas, na aparência, cometemos actos horríveis como carregar com a fúria da nossa reprovação as desgraçadas consciências já esmagadas ao péso dos seus crimes.

No mundo é tudo vibração, e, usando dêsse conhecimento tão útil, podemos fazer à humanidade muito bem e muito mal.

Que vergonha não é para um sér bom, ter feito um juízo falso àcerca de alguém? E, no entanto, quantos juízos errados se fazem nas 24 horas de cada dia? Horrorizamo-nos de que qualquer gatuno roube a bôlsa a quem passa, e não medimos, na nossa falta de meditação, que é bem pior roubar o crédito.

Procuremos não as ocasiões de censurar, mas as de louvar, e, quando nos disserem mal de qualquer criatura, empenhemo-nos em pôr em relêvo as qualidades que lhe tivermos descoberto, e, assim, os outros serão, pouco a pouco, levados a modificar o seu juízo.

Tenhamos por certo, que nenhuma das pessoas com quem falarmos no curto espaço dum dia vieram até nós ou fomos até elas por acaso.

Ou temos que lhes dar ou que receber delas as preciosas lições que o grande livro da vida encerra. Não as esqueçamos e tiremos delas benevolência que farte e vença o negro vício de maldizer.

Ter o coração limpo de tudo que é inferior, para que a êle possa baixar a iluminação do Espírito Santo, deve ser o principal desejo do verdadeiro Cristão.

MARIA O'NEILL

O NOSSO CORRESPONDENTE NO BRASIL

Deu-nos a subida honra e espiritual prazer de aceitar o cargo de Correspondente desta revista no Brasil, o nosso ilustre e querido Confrade Brasileiro, sr. Cairbar Schutel, um dos mais eminentes e denodados campeões do Espiritismo na América do Sul, brilhante Director do magnífico mensário «Revista Internacional de Espiritismo», sem encómio, uma das melhores revistas mundiais, e, ainda, Director do semanário espírita «O Clarim» que tem ecoado, retumbantemente, através da sua tiragem de dez mil exemplares, por todos os recantos da Terra de Santa Cruz.

Esta revista tributa ao seu brilhante Cronista do Brasil o mais grato e afectuoso reconhecimento, felicitando os seus leitores por tão distinta e valiosa colaboração.

O ESPIRITISMO

Foi publicada, parece que recentemente, pela Livraria Evangélica, uma brochura de 61 páginas em oitavo, com o título de «*Espiritismo, uma experiência pessoal e um aviso*».

É tradução do original inglês de Carelson Keorraham. Conta êste que acompanhou seu pai Dr. James Keorraham a uma sessão de espiritismo em casa de Madame Ourry, a-fim-de observar *de visu* certos poderes medianímicos atribuídos a um genro desta senhora.

«No dia destinado à sessão reuniram-se em casa de madame Ourry, em um quarto escuro, várias pessoas, um genro dela e três pessoas desconhecidas, à volta de uma mesa sôbre a qual todos collocaram as mãos. — Passado pouco tempo agitou-se a mesa em movimentos convulsivos, e começaram logo a mover-se outras peças de mobiliário, como que impelidas por uma força desconhecida, uma concertina tocada por mãos invisíveis andava em evoluções pelo ar; estranhas luminosidades apareceram em diversos pontos da sala e um como som de murros, rufos e estrepitos começaram a ouvir-se, parecendo por vezes, que o fôrro de madeira das paredes da sala estava indo abaixo». *E' a transcrição literal.*

Ouviram depois distintamente uma voz dizer, que Keorraham, filho, tinha acabado de escrever uma história a que dava o nome de «*Um caso misterioso*», ridicularizando o espiritismo, de que êle nada sabia, advertindo-o de que antes de meter a ridículo aquilo que se ignora, é mister antes de tudo investigar os factos.

Confessa Keorraham, que dêste facto só êle tinha conhecimento, e a ninguém tinha falado, nem sôbre a história, nem sôbre o título. E como êle, não sentindo o menor susto, estava a tremer agitadoamente, perguntou ao *médium* qual a razão dêsse fenómeno, ao que uma voz respondeu: o senhor treme porque estamos tirando do seu corpo os poderes, as energias e as forças que nos são indispensáveis para nos podermos manifestar, o que sem isso não era fácil, mas apenas possível.

Logo depois, mesmo à frente dêle e por cima da mesa à volta da qual todos estavam sentados, viu-se um estranho quadro luminoso no qual se destacava um rosto singularmente belo e sensitivo que se assemelhava extraordinariamente ao do poeta Henry Haine, de cuja obra êle Keorraham era um fervoroso admirador, e cujo túmulo em Paris, bem como a casa onde morreu, tinha recentemente visitado, sendo certo que durante a sessão nenhuma ideia de Haine lhe atravessara o espírito, a não ser que se tratasse duma ideia sub-consciente — o que também era possível. E para tornar mais frizante a semelhança não faltava na aparição a célebre barbicha de raros e increspados cabelos, como se vê em diversos retratos por tôda a parte espalhados, acrescentando, que a estranha face foi vista e as palavras ouvidas por todas as pessoas presentes, incluindo seu pai. Se assim não fôsse, seria então levado a crer, que aquele rosto seria, nem mais nem menos do que o resultado de ter projectado na escuridão qualquer recordação de Haine, jazida no esquecimento aparente da sua sub-consciência.

Conclui, no entanto, com esta aleivosia ignóbil: — «O espiritismo, com as suas invenções grosseiras, as suas tolices, as suas irrisórias promessas de «ciganos espirituais» parece-me uma intrusão indecorosa na auréola de santidade de que somos conscientes ao contemplarmos os nossos mortos. O espiritismo torna inferior e vulgar o que é santo, sem acrescentar aos nossos conhecimentos qualquer coisa que possa auxiliar-nos, ou que tenha algum valor real».

O panfleto está, todo êle, inçado de banalidades que não acreditam o seu autor, porque denotam falta de disciplina mental e mal orientado critério, não

obstante ter publicado já várias obras, como se diz. O autor da famosa diatribe, que parece ser pastor protestante, nada demonstra, nem produz quaisquer razões que, ao menos, possam coonestar a sua audaciosa investida contra as investigações espiritistas. — A vacuidade é completa.

Para fundamentar a sua opposição cita alguns textos bíblicos, parafraseando-os no sentido que mais lhe convém, refere-se ao sub-consciente como reservatório de energias occultas, que activam e regem a vida interior, e invoca a possibilidade de se descobrirem leis naturais para decifrar o enigma dos fenómenos físicos que, sem suspeita de fraude, êle próprio observou, em companhia de pessoas que lhe mereciam confiança.

Os textos bíblicos citados não tem aplicação alguma immediata aos estudos experimentais de espiritismo, apenas contem regras de fé e de moral cristã que não destoam das doutrinas espiritistas, que se conformam com o ensinamento dos livros santos.

Pretende o autor catequizar no sentido do seu credo protestante, mas sem resultado algum entre pessoas versadas na lição dos ditames evangélicos dos livros canónicos.

O sub-consciente, o subliminar e o inconsciente de Hartmann são termos equivalentes que parecem destinados a exprimir a mesma ideia, isto é, que no organismo humano operam forças latentes, que actuam irreduzivelmente sobre as operações do raciocínio e deliberações da vontade, sem que a consciencia se aperceba da sua força coactiva. E' uma hipótese.

Não se demonstra a existência nem a acção dinamica dessas forças biológicas que, intervindo fatalmente na prática dos actos humanos, privaria o homem da sua liberdade, não passando, em tais circumstancias, dum autómato inconsciente sob a pressão impulsiva de tais forças. Mas, admitindo como postulado, a existência e funcionamento dessas forças na economia orgânica do homem, como é que, sendo elas subjectivas, podiam produzir os fenómenos físicos sobre objectos inanimados que se observaram na sessão de espiritismo a que assistiu o autor da brochura? Qual foi a força geradora desses fenómenos, senão a força mecânica de um ser pensante e consciente, que não podia ser nenhuma das pessoas presentes, que se conservaram sempre firmes em seus lugares?

O magnetismo animal e a telepatia tem a sua explicação natural, em que não entramos, para não alongar mais este artigo.

Diz mais o autor da brochura, que os fenómenos observados podem ser no futuro explicados pela acção de leis naturais ainda desconhecidas, e que mais tarde serão descobertas. O possível é o último reduto da infeliz argumentação do adversário.

Se as possibilidades são argumentos, não há questão alguma, por mais transcendente que seja, que não possa resolver-se prontamente e sem mais controvérsia.

Em suma, a origem, natureza e autoria dos fenómenos espiritas, que são factos sujeitos à observação e experiencia, encontram-se exuberantemente esclarecidas e demonstradas, e não há leis naturais descobertas, ou por descobrir, que as possam contrariar.

SILVESTRE DE S.^{TA} MARTA

A ALMA HUMANA

(NEO-PSIQUISMO EXPERIMENTAL)

I V

O nosso corpo físico e material é envolvido numa atmosfera fluídica, irradiando em volta de todos os indivíduos e interpenetrando-os, polícroma, esbatendo-se em cambiantes ricamente coloridos e delicadamente matizados, umas vezes concêntricos, outras vezes num turbilhão arcoirizado, irregularmente ovoide, de diâmetros e luminosidade variáveis, sendo constituída por diferentes camadas do perispírito. É a **aura** humana.

Todos os corpos da natureza, minerais, vegetais e animais, têm a sua aura característica, reflexos da Alma Universal, em vibrações constantes, onde palpita a vida nas suas múltiplas e complexas modalidades, mais ou menos rudimentar, com feição própria e peculiar, crescendo em complexidade e policromia à medida que nos elevamos na escala da criação.

As auras são visíveis em determinadas circunstâncias e por treinos e métodos especiais; mas a sua visibilidade é acessível aos videntes naturais, ainda que raros, e no sonambulismo magnético.

A aura é o espelho mágico onde se vão reflectir todos os nossos estados de consciência, desde os mais abnegados rasgos de altruísmo até à mais degradante e abjecta perversão moral; desde os clarões rutilantes do génio aos trémulos e vagos lampejos da embrionária intelectualidade do selvagem.

Ali se incrustam, como pinceladas, mais ou menos indeléveis, as negruras e estigmas dos nossos vícios e paixões animalizadas, assim como as radiantes luminosidades da nossa elevação e progresso moral, inscrevendo nas matérias astral e mental, altamente quintessenciadas, todo o drama trágico das nossas emoções e sentimentos, e ainda todo o progresso intelectual concreto e abstracto.

As nossas auras — essência de tóda a nossa vida psíquica — por uma repercussão vibratória, algo complexa, através das matérias fluídicas da mesma natureza, vão reflectir-se indelévelmente no grande espelho do *nosso universo*, constituído pelos sub-planos inferiores do plano astral, circunscjacentes a êste planeta, verdadeiro arquivo geral de tóda a nossa humanidade, onde todos os *iniciados* lêem, como em livro aberto, através das idades mais recuadas e multimilenárias, tóda a história trágica da nossa evolução, nos seus aspectos mais diferenciados.

A *metagnomia* e a *psicomètria*, que tanto estão preocupando o pensamento científico contemporâneo a-dentro dos Institutos Metapsíquicos dos países civilizados do velho e novo mundo, tem talvez, em grande parte, a sua explicação no mecanismo do reflexo das auras e das formas-pensamentos.

A aura humana, única que aqui nos interessa, envolvendo e interpenetrando o nosso corpo visível e material, é uma fotoesfera constituída por substâncias fluídicas, heterogêneas, gradualmente quintessenciadas, representativas das almas secundárias do homem invisível e imortal, tendo por maravilhosa síntese o *ego* individual e inconfundível, que desafia o tempo e o espaço na ânsia insofrida, arrojante, de atingir a Perfectibilidade.

Todo o dinamismo anímico tem ali a sua sede, e a luz — a **Eterna Luz** — é a sua linguagem e expressão.

Cromaticamente, as auras podem ir da opacidade e negrura da noite caliginosa à luminosidade luarina, e, para os eleitos, atingir mesmo o resplendor solar.

Os videntes, por vezes, ficam como ofuscados ao pretenderem enfrentar as auras aurifulgentes das entidades elevadas na hierarquia sideral.

Numa das nossas experiências, em que um dos nossos melhores médiuns tinha sido previamente magnetizado — como habitualmente praticamos — apresentou-se uma entidade, desincarnada há trinta anos aproximadamente, que na terra foi um modelo das mais acrisoladas virtudes cristãs, ligada por estreitos laços de amor de família a alguns dos nossos companheiros de trabalhos experimentais. A sua aura era tão brilhante e resplandecente que o médium ficou deslumbrado, recusando descrevê-la, dando mostras de sofrimento, tapando instintivamente os olhos com as mãos. Ficamos em grande colisão.

Era o suplício de Tântalo...

Dar ao médium a sugestão do vidro de cobalto ou esfumado, seria perturbar e adulterar a descrição cromática da aura, para onde tendiam os nossos esforços, processo incorrecto seguido por vários experimentadores.

Uma das entidades tutelares, a quem todo o nosso grupo experimental deve inúmeros benefícios e os melhores conselhos, deu-nos a seguinte indicação: — « manda descansar o médium, depois magnetiza-o mais profundamente, em seguida convida-o a examinar muito vagarosamente, gradual e sucessivamente, toda a parte periférica da aura, partindo da parte inferior para a superior e só então poderá focar a aura no seu conjunto. »

Este método é duma simplicidade extrema, e na aparência não revelará, para muitos teóricos, valor algum; mas é fecundo em resultados práticos em alguns casos excepcionais de visão astral, como já temos registado por vezes, facilitando a descrição cromática das auras altamente evolucionadas e até de algumas projecções astrais, por vezes, duma resplandecência deslumbrantemente encantadora.

As auras, pela sua natureza íntima, tecidas de fluidos subtilizados, só podem ser examinadas pelos nossos sentidos astrais tão naturalmente como a matéria grosseira planetária é observada pelos nossos sentidos físicos.

A leitura e interpretação das auras, quer de incarnados, quer de desincarnados, demanda algum estudo e muita experiência, quando pretendamos entrar nos seus detalhes e minúcias e descer aos seus escaninhos mais recônditos e misteriosos. Mas para aquilatar do seu grau evolutivo moral e intelectual, e, sobretudo, da tendência para o bem ou para o mal, a tarefa simplifica-se em extremo, pois tudo se resume no grau de luminosidade e nas côres fundamentais predominantes, já hoje admiravelmente catalogadas por alguns experimentadores — Leadbeater, Hooker, C. Lancelin, Kerner, etc. (1)

O estudo e a interpretação das auras são de capital importância para o bom êxito das sessões espiritistas, pois fornecem elementos seguros para ajuizarmos do valor psíquico e propósitos que dominam as entidades que vem comunicar, pondo-nos assim ao abrigo das mistificações, em que é tão fértil o Mundo Hiperfísico, e dos ataques da fauna astral muito mais complexa e variada do que seria para desejar, nela participando tanto desincarnados como *incarnados*.

Muitos espíritas, sobretudo entre nós, nos seus trabalhos experimentais, nas clássicas sessões espíritas, fazem demasiada abstracção dos incarnados, que na sua boa-fé e ignorância são factor despresível.

Ora esta atitude representa um erro crasso e pode dar origem a formidáveis erros de interpretação e a perigos inesperados.

Nós temos tido algumas sessões — bem desagradáveis, por sinal — em que os

(1) Reservando para artigos especiais o estudo detalhado das auras, assim como das formas-pensamentos, duplos e regressão da memória, neste artigo só tratados em generalidade como funções do perispírito, vamos muito resumidamente dar a signi-

vivos, *em astral*, dominaram tôda a acção, e os resultados seriam funestos, se não estivéssemos prevenidos, e não lançássemos mão dos nossos videntes.

O Astral Inferior engloba tanto incarnados como desincarnados e a *goecia*, nas suas múltiplas modalidades, quando praticada pelos primeiros, talvez seja ainda mais perigosa.

Não esqueçamos: — tanto os incarnados como os desincarnados teem, precisamente, na espécie, qualitativamente, as mesmas potencialidades anímicas e espirituais, havendo, apenas, diferenças quantitativas, em grau, no seu desenvolvimento evolutivo.

O incarnado opera paralela e análogamente como o desincarnado, em particular *no plano terrestre*, desde que desarticule e exteriorize o perispírito do corpo físico, e para conseguir esta finalidade os processos são múltiplos, desde os naturais aos artificiais, desde o somno fisiológico e do hipnomagnetismo ao auto-desdobramento consciente. O cordão astral, um dos caracteres distintivos do incarnado desdobrado, não é o seu calcanhar de Achilles como alguns teóricos supõem, mercê da sua extraordinária elasticidade e doutras propriedades intrínsecas que o põem ao abrigo de muitos incidentes, só teóricamente apreciáveis.

No entanto, não será demasiado recomendar tôda a prudência e circunspeccão.

*

A vida febricitante da sociedade moderna endeusou o vício e aboliu, numa revoada de ridículo, as mais belas virtudes cristãs, incompatíveis com o orgulho, egoísmo e desmarcada ambição utilitária que estrangulam tôda a nossa evolução espiritual.

A alma — a divina psiché — é um miserável escravo dos nossos vícios e das nossas paixões animalizadas.

O cérebro, servido, apenas, pelos nossos falazes sentidos físicos, domina, amesquinha, restringe todo o nosso formidável âmbito espiritual.

Tôda a nossa decantada civilização contemporânea é um manifesto triunfo da matéria sôbre o espírito.

ficção e correspondência da cromática astral de harmonia com os trabalhos realizados pelos eminentes experimentadores Leadbeater e C. Lancelin :

Para as auras e formas-pensamentos

Negro — ódio, ruindade, perversidade.
Vermelho — cólera.
Vermelho sangüíneo — sensualidade.
Castanho — avareza.
Castanho cinzento — egoísmo.
Castanho esverdeado — inveja, ciúme.
Cinzento plúmbeo — abatimento profundo.
Cinzento lívido — medo, pavor, receio.
Alaranjado — orgulho, ambição.

Carmezin, rosa — amor, dedicação desinteressada.
Lilás — abnegação, altruísmo.
Amarelo — intelectualidade.
Azul — sentimento religioso.
Azul cobalto — dedicação a um nobre ideal espiritual.
Azul lilás luminoso — elevadas e puras aspirações espirituais.

VOGAIS

(Correspondência astral)

A — quadrado verde pálido pontilhado de vermelho.
E — oval vermelho vivo.
I — filete azul pálido.
O — ponto brilhante.
U — triângulo violeta escuro.

NOTAS MUSICAIS

(Piano)

Dó — amarelo.
Ré — azul esverdeado.
Mi — anil.
Fa — violeta.
Sol — vermelho.
Lá — vermelho escuro.
Si — vermelho leve.

Jogamos a vida, num sceticismo feroz e degradante, nas estreitas fronteiras que vão dum berço a um túmulo, como desolador reflexo dessa *omnipotente* sciência contemporânea que balisou o conhecimento humano nos acanhados limites que vão da ponta dum escalpelo ao bojo duma retorta.

Não há hygiene moral, e sem hygiene moral o desdobraimento, a exteriorização do nosso *duplo* é perigosa.

A desintegração é relativamente fácil; mas, em compensação, a reintegração é difficil e, por vezes, perigosa.

Há perigos a conjurar, quer intrínsecos à nossa natureza setenária, quer perante a fauna astral, tão interessante, quanto variada, proteiforme, algumas espécies de requintada ferocidade para com a humanidade como repreczália da nossa malvadez e ruindade para com os reinos da natureza.

O homem é o rei da criação, sim; mas só quando souber brandir as armas do amor e da abnegação. Só assim cantará vitória, tanto no plano terrestre, como no plano astral.

Aqui, na terra, a palavra mascára o sentimento, reinando a hipocrisia; mas no astral — pensamentos, sentimentos, intenções — são transparentes como cristal através das nossas auras. Tôda a mecânica astral é tecida de vibrações, mais ou menos luminosas, com significação própria e determinada.

Embora tenhamos muitos meios de legítima defeza, e, por vezes, auxílios valiosos de algumas entidades astrais a que estamos ligados por laços affectuosos, talvez multimilenários, através dos nossos ciclos evolutivos, a mais rudimentar prudência impõem-nos o dever de sermos excessivamente cautelosos nos auto-desdobraimentos, que exigem um treino e hygiene fastidiosos e demorados.

O europeu, regra quasi geral, não está educado nem instruido para se abalançar a estas perigosas experiências, donde se descortinam horisontes imprevistos e maravilhosos.

Sejamos modestos e prudentes, limitando-nos a estudar e a meditar as narrações desses admiráveis e audazes exploradores das Regiões astrais, quando se saibam impôr pelos seus conhecimentos, honorabilidade e método crítico de observação.

A bibliografia dêste género de literatura é já rica de obras preciosas. Todos os estudiosos teem já magníficos elementos de estudo. Os catálogos são em profusão.

*

O inimigo implacável para o Espiritismo é, muito especialmente, o Astral Inferior na sua acepção mais restrita, constituído pelos desincarnados renitentes no mal e na perversidade, para quem ainda não raiou a bendita aurora do arrependimento e que só se comprazem em torturar e viciar mais ainda esta desvairada Humanidade.

São inimigos perigosos e implacáveis, tenazmente reincidentes, indo da mistificação banal até às mais graves subjugações e obsessões por processos hipnomagnéticos, que manejam muito mais habilmente do que os nossos melhores hipnotizadores e magnetizadores, como tantas vezes temos tido ocasião de observar e até por experiência directa e pessoal.

Acidentalmente falámos aqui de obsessões, que hão-de merecer artigos especiais nesta revista pela sua alta importância; mas, desde já, seja-nos permitido externar resumidamente a nossa modesta opinião. As obsessões não são provenientes da prática do Espiritismo, como pretende a má fé ou ignorância dos adversários da nossa doutrina.

Temos a plena convicção que os manicómios do novo e velho mundo regoritam de obsedados pelo Astral Inferior, que nem sequer ouviram pronunciar a palavra — « Espiritismo » — muito embora ao lado destes estejam casos variadíssimos

mos da loucura do domínio da psiquiatria clássica. Daí resulta que os melhores tratamentos adoptados pelos mais hábeis especialistas falham nestes casos especiais, por lhes desconhecem a etiologia e patologia, como lógica conclusão de relegarem o Espiritismo para a superstição.

Ao Espiritismo está reservado no futuro um primacial papel no tratamento destas obsessões astrais, e curas brilhantes já se tem realizado no Brasil e noutros países.

E' evidente que o único tratamento racional será a catequese do espírito obsessor. Cessando a causa... cessa o efeito. Ora esta catequese, onde melhor se pode realizar, com maior número de probabilidades de êxito, é nas sessões espiritistas quando bem orientadas e dirigidas. Mas existem condições kármicas de tal forma imperativas, que a obsessão triunfará de todos os esforços. Estes casos, felizmente, são raros, e é necessário não confundí-los com aqueles que demandam a maior elevação moral, aliada a uma tenacidade e devotada dedicação do grupo espírita curador.

*

A interpretação das auras é, pois, um dos melhores meios de defesa de que poderemos lançar mão para desmascarar e escudarmo-nos contra as entidades astrais embusteiras e mistificadoras nas sessões espiritistas.

Os videntes naturais — aliás raros — e os artificiais (hipnomagnetismo) devem ser educados nesta orientação e suficientemente treinados para saberem distinguir a aura propriamente dita — *raiz básica da evolução* — das formas-pensamentos que constantemente a sulcam numa plena actividade emocional e intelectual. O estado ideal para o estudo e interpretação das auras seria a passividade completa, isto é, o estado estático; mas, quasi sempre, prevalece o estado dinâmico, porém um vidente adextrado vence os turbilhões de pensamentos e de emoções que fervilham no interior da aura, acabando por precisar os seus contornos e valor cromático.

As côres das auras traduzem o maior ou menor desenvolvimento das qualidades morais e intelectuais inerentes ao indivíduo, enquanto que o grau de luminosidade total é proporcional ao seu avanço espiritual.

A cromática astral é variadíssima e complexa e, muitas vezes, irreduzível às côres e nuances do plano terrestre.

No entanto, temos já elementos suficientes para conduzir as delicadas experiências desta natureza, altamente proveitosas para o Espiritismo científico e experimental.

* * *

Em síntese, o perispírito ou alma humana, impròpriamente denominado corpo astral por se tomar, assim, *a parte pelo todo*, exerce as funções seguintes:

1.ª — *Constituir os envólucros do espírito, instrumentos de trabalho sôbre os diversos planos da natureza para o seu progresso evolutivo, servindo-lhe de veículo e traço de união com o corpo físico e material, estando localizadas no sistema nervoso suas principais linhas de fôrça, tendo por missão receber sensações e transmitir volições por intermédio de estados vibratórios especiais e variados. O perispírito é, em última análise, no seu conjunto, o clássico mediador plástico de alguns sistemas filosóficos.*

2.ª — *Desprender-se do corpo físico, exteriorizando-se em condições particulares (sono fisiológico, narcotizações, hipnomagnetizações, auto-desdobramento, etc.) projectando-se o duplo a distâncias quasi ilimitadas, animado de velocidades vertiginosas, levando consigo tôda a sua individualidade psíquica, corporizando-se por vezes, ficando invariavelmente ligado ao corpo físico*

pelo cordão astral, resistindo a todas as forças físico-químicas e naturais, atravessando todos os obstáculos como a luz atravessa os corpos transparentes.

Este fenómeno, já muito vulgarizado e bem estudado por alguns experimentadores, é designado, indiferentemente, pelas seguintes denominações: saída em astral, desdobração, exteriorização do duplo, bilocação, bicorporidade, etc.

A saída em astral é uma projecção do duplo, limitada no tempo e no espaço — uma desintegração seguida duma reintegração — enquanto a morte, ou, mais precisamente, a desencarnação é a saída em astral definitiva.

A morte, em última análise, é o rompimento completo e integral do cordão astral e não do cordão vital (corpo etérico).

3.^a — Arquivar nas suas camadas mais subtis e permanentes, (corpo causal) como fitas cinematográficas, todos os acontecimentos de que fomos protagonistas, registando e assimilando todos os conhecimentos adquiridos através da nossa evolução individual multimilenária, ficando mergulhados e comprimidos nas profundezas do subconsciente e do subliminal todos êsses conhecimentos desnecessários e incompatíveis com a missão progressiva, expiatória e reparadora de cada reencarnação, mas susceptíveis de aflorarem à consciência normal e cerebral por processos hipnomagnéticos produtores de estados de hipnoses profundas, fenómenos já muitas vezes experimentados e observados sob o nome de regressão da memória das vidas passadas (Coronel-Conde Rochas de Aiglun, Charles Lancelin, Colavida, etc).

A regressão da memória das vidas passadas também tem sido registada espontâneamente e por processos de vidência natural, ainda que rara, autenticada, por vezes, com tãda a idoneidade (A. Aksakoff, Allan Kardec, C. Lancelin, etc).

4.^a — Irradiar em volta do corpo físico, interpenetrando-o e envolvendo-o numa atmosfera fluídica, de secção ovoide, de diâmetros variáveis de indivíduo para indivíduo, policroma, podendo ir da mais negra opacidade à luminosidade mais resplandecente, constituindo a aura humana. E' na aura que se dinamizam e projectam todas as nossas formas-pensamentos e tãda a gama das nossas emoções e sentimentos, ficando ali vincados todos os nossos vícios e virtudes, todo o nosso progresso ou retrocesso, todas as nossas aspirações de ideal, traduzidos em turbilhões vibratórios duma policromia complexa e variada, susceptíveis de serem descritos detalhadamente em certos estados de sonambulismo hipnomagnético e até por alguns videntes naturais.

As auras humanas são o espelho de todo o nosso dinamismo psíquico e metapsíquico, tendo por agente o espírito e por laboratório e instrumentos de acção as camadas sistematizadas do perispírito, correspondentes às almas secundárias de Charles Lancelin e de Lefranc.

5.^a — Exercer a função organogénica, moldando o embrião sobre o corpo etérico, (verdadeiro sistema circulatório de tãda a força vital), imprimindo-lhe, assim, tãda a sua personalidade física típica, e assegurando para cada indivíduo, numa directriz e molde uniforme, tãda a estabilidade e relêvo pessoal inconfundível e permanente — através do turbilhão vital e da caducidade celular — quer durante a vida terrena, quer, especialmente, durante a vida astral, onde fluidicamente o perispírito reproduz os mais delicados traços fisionómicos e anatómicos, corporizando o espírito e tornando, assim, reconhecíveis os desencarnados.

* * *

O espírito e o perispírito são os dois polos em que gravita todo o psiquismo

humano. O corpo físico e material é apenas um suporte temporário, instrumento passivo adaptado ao plano terrestre, o mais grosseiro em que se debate, angustiada e cruciantemente, todo o nosso dinamismo anímico numa irrealdade tãda aparente e efemera.

E' nos planos superiores do Cosmo, correspondentes aos nossos corpos anímicos mais subtis e quintessenciados que terão realização plena e efectiva os nossos grandes ideais de Amor e de Justiça, de Sciência e de Estética, logo que saibamos resgatar e esgotar todo o nosso karma multimilenário através do calvário das reencarnações.

Morte e vida são a polarização máxima da ignorância da sciência contemporânea.

A morte, monstruoso e incongruente absurdo, já liberta de tãda a sua clássica significação macabra, é precisamente o ponto de partida para a vida irradiante, infinita, luminosa...

*

O espírito, como centro de fôrças onde residem todas as nossas potencialidades, é a individualidade real e permanente.

E' o gérmen divino, abraçando nas suas frondosas ramadas o perispírito, pairando sãbre êle como um bendito sol vivificador, infiltrando através das suas camadas os seus divinos raios de inteligência e de amor — quantas vezes comprimidos e adulterados pelos nossos vícios e paixões.

A expansão do espírito é, pois, função do aperfeiçoamento e progresso do seu instrumento directo — o perispírito.

Por mais brilhante que seja a luz intrínseca da scintelha divina que nos anima e particulariza em cada consciência individualizada; sejam quais forem as virtualidades omniscientes que traga em gérmen, o nosso espírito terá de lutar, sem tréguas, contra o inacisso dos nossos desvarios criminosos que o atrofiam, esmagando e absorvendo nas opacidades das nossas consciências polutas as radiações scintilantes dos seus raios harmoniosos, pures, divinos.

A' medida que avançarmos na ascese espiritual, moralizando-nos, evangelizando-nos, estudando e cumprindo as leis imutáveis e eternas da Verdade Una — só integralizadas em Deus — orientando os nossos pensamentos e actos na Recta Conduta, num concérto harmónico de intenções e realizações, iremos purificando e quintessenciando as camadas grosseiras do nosso perispírito, que só assim poderá corresponder às vibrações finas e subtis da *mónada*, numa explosão de Luz celestial e divina.

Tãda a nossa evolução, nas suas complexas modalidades, está concentrada na purificação e quintessenciação das camadas do perispírito, como condição essencial para a expansão e irradiação do gérmen divino contido no nosso espírito.

O perispírito é o arquivo do passado e o registo do presente na plenitude da nossa dinamização anímica integral.

Continua

ANTÓNIO J. FREIRE

Naturismo

(Evolução do Naturismo)

I

Naturismo — é a corrente de pensamento, que se propõe atingir o bem-estar físico e moral da humanidade, mediante a perfeita sujeição às leis naturais da Vida.

Parte do conhecimento da imutabilidade das leis que regem tôda a fenomenologia, e cuja transgressão ocasiona todas as calamidades do Universo.

Por isso, na perfeita obediência às leis biológicas, funda o Naturismo todas as suas esperanças em atingir um tipo ideal de Higiene, da arte de curar e da arte de viver.

Também não esquece que a Energia Cósmica, essencialmente una, se torna aparentemente múltipla no plano das realizações materiais, correspondendo a essas variantes outros tantos efeitos nos organismos; e assim o Naturismo estuda as diversas manifestações energéticas, procurando aproveitar as forças benéficas e inutilizar as que contrariam o seu objectivo.

Por outro lado, tendo uma feição eminentemente renovadora, apoia-se nos princípios evolucionistas, daqui derivando as afinidades desta doutrina com a grande corrente do Néo-Espiritualismo contemporâneo, cuja base fundamental é essa mesma ideia de Evolução.

Em todos os tempos e em todas as civilizações se reconheceu o alcance moral das práticas naturistas.

Sem entrarmos nos domínios da pre-história, diremos que nos livros sagrados dos Vedas, remontando a 5 milénios antes da nossa era, se encontram já prescrições rigorosas sobre a dietética, ainda hoje fielmente observadas pelos adeptos do Hinduísmo, que preferem a morte à sua transgressão.

O Budismo, corrente religiosa datando de 400 anos a. C., conserva ainda hoje as suas longínquas tradições, semelhantes às do Vedismo.

No Egito o vegetarianismo é considerado desde remotas eras o «regime ideal da humanidade», Moisés é lá iniciado nos mistérios herméticos no sec. XV a. C., e mais tarde promulga leis religiosas destinadas a fazer seguir aos Hebreus, além de um regime alimentar puro, certas práticas de purificação hídrica e luminosa.

A Bíblia, onde abundam as referências aos costumes do povo hebreu, apresenta-nos no cap. I da Génesis o vegetarianismo como a alimentação normal do homem.

Vemos assim, que as religiões da antiguidade oriental atendiam particularmente ao regime alimentar, aspecto particular do Naturismo. E' no sec. VI a. C. que esta doutrina reveste o seu aspecto integral no instituto pitagórico de Crotona.

Pitágoras é considerado o pai do Naturismo clássico; espírito tão ávido de análise como poderoso de síntese, procura realizar o máximo expoente da perfeição humana, moldando «almas de ouro em corpos de ferro».

Como Moisés, também êle foi ao Egito beber na fonte inexgotável da ciência hermética os seus sábios princípios, que posteriormente Lysis compendiou no poemeto dos «Versos de ouro». As fulgurações do seu génio atravessam os séculos; brilham através das filosofias socrática e platónica, e revelam-se pujantemente nos escritos de Hipócrates.

Na aurora do Cristianismo um novo astro se ergue no campo naturista: Sêneca, sábio representante do estoicismo, e cujos pontos de vista se podem sintetizar nesta sua passagem: «E' a natureza quem eu pretendo seguir: formarmo-nos sobre a sua lei e o seu exemplo, eis a sabedoria».

Numerosa falange de discípulos teve a escola pitagórica nos filósofos romanos do I e II sec.: Horácio e Virgílio, Ovídio e Salústio, Musónio, Rufo e Plutarco, que erguem o seu brado contra a pasmosa dissolução de costumes da sociedade romana, focando as excelências da vida sã como Pitágoras a compreendera.

Plutarco defende a causa do Vegetarismo em termos plenos de evidência, baseando-se em considerações de ordem moral e fisiológica. Mostra como o carnivorismo se não justifica em face da anatomia e da fisiologia humana, e como o morticínio de animais é condenável em face da moral.

Com Plutarco a condenação do carnivorismo passa a ser, nas preocupações do homem culto, um caso inabalavelmente julgado. Os padres da igreja cristã nascente adoptam fervorosamente os seus princípios dietéticos; e dentre os néo-platónicos ergue a voz o grande Pórfiro de Alexandria a combater entusiasticamente o carnivorismo.

Com Pórfiro fecham-se as magníficas lições do Naturismo, que a antiguidade nos legou.

Entramos de seguida nas trevas dos primeiros tempos medievais; no meio do tremendo desabar do mundo romano, a barbaria, a violência, a anarquia, impedem os vôos do espírito humano. No entanto, o ideal naturista não se extingue: através dessa longa noite de 6 séculos, que vai desde o triunfo do mundo bárbaro até às Cruzadas, palpita esse ideal nas homílias de João Crisóstomo que no-lo apresenta como «a morte das paixões, a vida da virtude, a fonte da força, o amparo da pureza, o escudo da inocência». Encontra ainda heróicos adeptos na comunidade dos Cátaros, que perseguidos como heréticos, nem perante o cadafalso se sujeitavam ao morticínio de animais.

Na sórdida era do século X, o luxo e a depravação do alto clero provocam a geral desmoralização dos costumes; o triste espectáculo da corrupção e das lutas fratricidas causam, no despertar do ano 1000, o pânico do fim do mundo. Iludida essa expectativa, renasce a esperança no futuro e a ânsia de renovação moral.

No século XII Arnaldo de Brescia encarna, bem esta tendência, amplamente reformadora. E' por esse tempo que surgem as seitas dos Waldenses e Albigenses que, procurando na solidão um refúgio contra a feroz perseguição da Igreja, praticavam os preceitos anti-carnívoros em que viam o poderoso instrumento de moralização.

Entramos finalmente na aurora do renascimento, revolução grandiosa e profunda que devia ter a sua perfeita eclosão no século XVI; surge a Reforma e com ela a renovação moral; o Naturismo encontra a partir de então, lídimos representantes.

Data daí o «Compêndio da Vida Sóbria», do célebre veneziano Cornaro, que com a saúde arruinada aos 30 anos, consegue passar além dos 100 por uma dieta rigorosa, exemplo que sugere a Bacon o seu belo trabalho a «História da Vida e da Morte», onde o autor termina apelando para o regresso da humanidade às leis naturais.

Idéas semelhantes ressaltam da «Utopia» de Tomas Moore; mas é sobretudo em Montaigne que ressurge, nos moldes de Plutarco, a filosofia humanitária.

Veio depois a época dos grandes moralistas. Hecquet, notável reformador da medicina, acrescenta algumas belas páginas à bíblia vegetariana.

Os princípios da dieta são severamente julgados em face da moral, sendo o

respeito pela vida dos animais inferiores advogado por Mandeville, Wesley e Pope.

O século XVIII vem depois, com o Humanismo, admiravelmente consubstanciado em Voltaire e Rousseau, dois devotados admiradores de Plutarco.

Rousseau calorosamente aponta o carnivorismo como uma das causas da depravação da sociedade do seu tempo, e incita à integração de todas as crianças no regime natural e renovador.

O século XIX assistiu à expansão do movimento naturista. Os espíritos da época encontraram terreno desbravado, onde brilhantemente germinassem as fulgurações do seu génio; e assim Schelley, Michelet, Gleizés e Lamartine deixam livremente voar os seus sonhos duma existência ideal, em que os frutos fôsem exclusivo nutrimento da humanidade regenerada.

Nesta época o Vegetarismo deixa de ser o apanágio dos sábios e idealistas; difunde-se, propaga-se a todas as camadas sociais; uma vaga de ânsia libertadora invade os espíritos; todavia as heranças funestas de muitas gerações não se extirpam dum golpe. O génio de Wagner assim o reconheceu, descendo do altíssimo pedestal a que o talento e a fama o ergueram, para se tornar apóstolo humilde do Vegetarismo, cujo elevado alcance na moralização das raças tão bem reconhecia; e nesse mister aponta-nos como exemplo a história comovente de 3 milhões de hindus, que por ocasião duma fome provocada por especuladores ingleses preferiram morrer de inanição a terem que sacrificar os seus animais domésticos. Depois refere-nos como o homem primitivo, originariamente vegetariano, por influência de um meio desfavorável teve de se tornar carnívoro, deduzindo daí a possibilidade de, por esforço da vontade, regressar ao regime primitivo.

Por fim refere-se às ligas vegetarianas, sociedades protectoras dos animais e associações de temperança, que elle denomina instituições de salvação, a que está reservado um grande papel na redenção do mundo moderno.

E se não bastasse o génio de Wagner para fazer destacar o papel eminentemente social do Vegetarismo, poderíamos acrescentar o depoimento de um sábio potentoso como Réclus, apaixonado apóstolo dêsse ideal; ou de uma individualidade como Tolstoï, para quem o Vegetarismo na redenção humana é « o primeiro passo ».

Da exposição feita resalta este facto notável: é nos periodos de mais intensa cultura moral e intellectual que o Naturismo avulta nas sociedades europeas. E' quando o espirito humano atinge um alto grau de cultura, que lhe permite prescrutar a voz da consciência moral e obedecer aos seus ditames, que o Naturismo, revestindo máximamente o seu aspecto dietético, se impõe, não como um mero devaneio filosófico, mas antes como um dever de moralidade, um acto de religião.

Continua

JOSÉ A. MANIQUE DE ALBUQUERQUE

CRÓNICA BRASILEIRA

O Espiritismo no Brasil está intensificando de um modo admirável a sua propaganda.

Não há cidade nem aldeia, não há recanto do país, ainda nos mais longínquos sertões, que a palavra Espírita não seja ouvida.

Até há pouco eram os humildes do povo, os enfermos, os sofredores que buscavam no influxo dos mensageiros do Além, o consôlo e remédio para seus males; agora a classe culta e com especialidade os médicos, indagam, estudam, inquirindo do Espiritismo a resolução do problema da Vida, do «*porquê da morte*». Neste sentido vem colaborando com seus grandes esforços a "**Revista Internacional do Espiritismo**", que tem aumentado muito o número dos seus assinantes, e «*O Clarim*», hebdomadário popular, que circula por todos os Estados do Brasil com uma tiragem não inferior a 10.000 exemplares.

Além destes órgãos de propaganda escrita, existem muitos outros, como «*A Aurora*», o «*Reformador*», «*A Luz*», «*A Revelação*», e uma vintena de mensários esparsos por todo o país, que são órgãos dos Centros e Grupos a que pertencem.

O número de associações espíritas é considerável, talvez atinja a um milheiro, entre os grupos particulares.

A grande imprensa perdeu a rigidez em matéria de espiritismo e os principais jornais, como o «*Gazeta de Noticias*», do Rio, «*A Platéa*», de S. Paulo, «*O Jornal*», do Rio, «*A Provincia*», de Pernambuco, e muitos outros, dão diariamente notas espíritas, salientando os factos que se vão verificando.

FENÓMENOS ESPÍRITAS

Interessante manifestação num Asilo

O nosso prestante amigo, Sr. Dr. Guilhivaldo Bezerril de Andrade, enviou-nos dois números do «*Diário do Ceará*» que, em editorial, faz a resenha de interessantes fenómenos verificados no Asilo de Alienados de S. Vicente de Paula, de Poranga, que resumimos:

«Uma irmã de caridade, Luísa, estava muito mal, sob os cuidados do Dr. Odorico Mendes, distinto clínico e psiquiatra. Este, a título de inocente brincadeira, formulou à Irmã Luísa, um pedido: «Aquele, dentre os dois, que morresse primeiro, teria de vir dar notícia ao outro sobre a Vida do Além».

Nesse interim, a Irmã Luísa prometeu também às suas companheiras do Asilo, que, se lhe fôsse permitido por Deus, se manifestaria em espírito.

Pois bem, vinte e três dias após o falecimento da Irmã Luísa, as irmãs achavam-se recolhidas à capelinha em piedosa oração, quando um pequeno harmónio tangido por dedos peritos, deu comêço a acordes duma expressão suave e enternecedora. Todas as irmãs sabiam não haver pessoa alguma mais no interior do templo. Entretanto, deliberaram passar em revista todo o salão; o harmónio conservou-se literalmente fechado e à chave.

O segrêdo ficou acrisolado nos lábios das irmãs, mas, afinal, com a manifestação da Irmã Luísa ao Dr. Odorico, teve êle sua hora de revelação.

A Irmã Luísa apparecera também ao distinto médico, e lhe avisara que: «tinha encontrado no Além-túmulo vida muito melhor do que a cruciante peregrinação na terra».

O caso foi muito comentado no Ceará, e está fazendo repercussão na imprensa.

FENÓMENOS DE « VOZ DIRECTA », EM GABOTICABAL

Na propriedade do Sr. João Bolognesi, entre Gaboticabal e Monte Alto, deram-se factos extraordinários que foram verificados por todos os que àquele lugar compareceram. Eis a narrativa que nos mandou o nosso amigo, sr. Francisco Veloso:

— « Bolognesi tinha um genro que residia na cidade de Itajahy, Estado de Santa Catarina; chamava-se Angelo Baruffaldi e era negociante. Em 6 de Fevereiro do ano corrente Baruffaldi faleceu e seis dias depois Bolognesi recebeu comunicação dêsse acontecimento. No dia 13 de Fevereiro começaram a dar-se fenómenos estranhos em casa de Bolognesi; eram pancadas, ora em portas, janelas, tornando-se essas manifestações insistentes todas as noites.

Dias depois, um parente da família, ao ter notícia dos acontecimentos, foi verificá-los, ouvindo-se então nessa ocasião, uma voz sibilando no ar. O visitante inquiriu quem falava, e o que queria. Com grande admiração de todos, essa voz disse ser *Angelo Baruffaldi e querer missa*.

Interessante é que a vizinhança escutava os gritos, e a família Papini, que reside a 3 quilómetros do lugar dos fenómenos, ouviu também, não só a voz, como o barulho das pancadas na casa Bolognesi.

Não se sabe se a repercussão dos fenómenos seria devida a alguma condição mesológica especial do ambiente etéreo vibratório ou por atracção mediúnica em casa de Papini, espécie de estação radio-fónica atraindo as ondas que atravessavam os espaços até o aparelho receptor.

Mas o interessante é que os fenómenos se deram durante 55 dias seguidos, despertando grande curiosidade no povo, acorrendo a gente de Gaboticabal, Monte Alto, Tapuaritinga e outros lugares, tendo sido alguns milhares os testemunhos do interessante facto, pois a sua reprodução se dava diante de todos. Houve uma noite em que um curioso contou 80 e tantos automóveis parados em linha na estrada, que tinham conduzido curiosos atraídos pela espectacular notícia.

A família Bolognesi é católica-romana e nada entende de espiritismo».

CONFERÊNCIAS

Um grupo de propagandistas realiza conferências em diversos Estados, cada qual em sua zona de residência, fazendo excursões pelas cidades e subúrbios circunvizinhos. Dentre outros que abordam temas genuinamente espíritas, notamos os srs: Dr. Sousa Ribeiro, Dr. G. Barbosa Júnior, Oséas Rosas, Eurípedes Tenório Lima, Pedro Corrêa, Pedro Camargo, António Cunha, Benjamim Loureiro, António Guedes, Alberico Lobo, Dr. Ernesto de Sousa, Dr. Sebastião Caramurú, Dr. Milton Toledo Pisa, Inácio Bittencourt, Leopoldo Cirne, Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Luís Barreto, Manuel Quintão, Giacomo De Bernardo, Dr. Guillon Ribeiro; e as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Aura Celeste, D. Joselina Tosta, etc., etc.

NOVOS LIVROS

As casas editoras, « Livraria da Federação Espírita Brasileira », e « Livraria de « O Clarim », continuam a editar obras espíritas, concorrendo, assim, para a orientação e difusão do Espiritismo.

Há pouco apareceram as interessantes obrinhas: « O Meu Diário » e « O Espiritismo na Infância », de António Lima; e « Phenómenos Psychicos, Hysteria e

Curas Espíritas», de C. Schutel. Saírá breve do prelo a interessante obra: «Parábolas e Ensinos de Jesus» — um volume de 400 páginas.

NOVAS ASSOCIAÇÕES

E' raro o mês que o registro das Sociedades Espíritas no Brasil, não seja acrescido, com a fundação de quatro ou cinco sociedades. Seria abusar do espaço que nos é concedido, aumentando esta crónica, com a últimas sociedades fundadas.

OS AVIADORES, O PSI- QUISMO E O CLERO

O clero romano, que gosta sempre de aparecer e fazer aparecer o seu catolicismo entre os grandes, não tem encontrado brecha para tomar parte nas festas glorificativas aos Aviadores, porque, em sua maioria, eles não são católicos.

O sr. Beires, piloto do «Argos» é metapsiquista; o sr. Ribeiro de Barros é espírita, como tóda a sua família de abastados capitalistas; o sr. Lindberg, o herói do «Espírito de S. Luís,» é também genuinamente espírita e pertencente à corrente filosófica do kardecismo.

Estas notas teem-se salientado na grande imprensa, e teem merecido comentários.

A FOTOGRAFIA TRANSCENDENTAL

Recebemos uma circular do «*Comité de Photographie Transcendentale*», de Paris, recomendando as experiências.

Já montámos um gabinete e vamos iniciar em breve êses estudos positivos que redundarão para proveito da Fé na Imortalidade.

O que obtivermos não esqueceremos de relatar aos leitores da «*Revista de Espiritismo*».

SAUDAÇÃO

Fechamos a nossa primeira crónica, saudando os confrades portugueses e fazendo votos a Jesus para que o Espírito Prometido faça resplandecer na terra de Camões as suas Luzes da Vida Eterna.

(S. Paulo — Brasil)

C. SCHUTEL

Aos nossos presados Assinantes dos Estados Unidos da América do Norte e das Colónias Portuguesas pedimos a fineza de nos enviarem a importancia das suas assinaturas.

CRÓNICA ESTRANGEIRA

PLANTAS ADIVINHATÓRIAS

E' facto observado, quási constantemente, em todos os que são atraídos para o estudo dos fenómenos metapsíquicos, o veemente desejo de alcançar aquelas faculdades supranormais de conhecimento no espaço e no tempo que, segundo a nomenclatura do Prof. Dr. Boirac, hoje são designadas genèricamente sob a denominação de *metagnomia*.

Como nasce a *criptestesia*, sensibilidade especial ignorada, que determina êsse conhecimento?

São tantas as hipóteses que sôbre ela se aventam, que não é por enquanto prudente admitir uma com exclusão das outras, pois se verifica que muitas delas contem elementos que devem ser tomados em consideração para explicar tão transcendentes fenómenos nas suas diversas e estranhas modalidades, sem que todavia haja uma que os explique por completo.

Desde a sensibilidade táctil invocada pelo professor Richet para explicação dos fenómenos de psicometria, ou seja o conhecimento de factos complexos e múltiplos obtido por meio dum objecto directa ou indirectamente ligado a êsses acontecimentos, até à eclosão abrupta dum sexto sentido, apenas esboçado em alguns indivíduos, por enquanto raros — idéa sugerida pelo mesmo professor — multiplicam-se as teorias explicativas.

A hipersensibilidade táctil, porém, só se applicaria a casos muito circunscritos, e é inadmissível como teoria para alguns dos mais illustres metagnomos que a sentem incompatível com o funcionamento das suas faculdades divinatórias.

A hipótese duma sensibilidade disseminada, sem localização especial para as vibrações emitidas por certas substâncias, explica todavia muito satisfatòriamente as faculdades dos vedores que tão notàvelmente se celebrizam, quer na descoberta de nascentes de água, quer na de certos filões minerais. Sendo certo que todos os corpos emitem radiações, não é ilógico attribuir êsse capítulo da metagnomia às influências delas sôbre indivíduos particularmente predispostos para a sua detecção, faculdade designada por um dos mais admiráveis sensitivos que a possuem, o Abade Bouly, pelo nome de *radiestesia*.

A hipótese de comunhão intermental do pensamento, ou seja a passagem directa do pensamento dum psiquismo a outro, perfilhada pelo Dr. Osty, tem cabimento na explicação de várias experiências. Este intercâmbio mental realizar-se-hia, porém, num plano transcendente em que existisse uma maior facilidade de permutação intermental de estados subconscientes do pensamento.

Esta teoria difere todavia um pouco da *leitura de pensamento* ou da *telepatia*, tão defendida por Warcollier, porque os resultados proviriam duma conjugação psíquica activa do agente e do percipiente; ao passo que na hipótese de leitura do pensamento seria apenas o percipiente que teria a faculdade de recolher e interpretar os pensamentos emitidos pelo agente, e na hipótese telepática seria a projecção do pensamento do agente, de algum modo objectivado por êle, que impressionaria o percipiente.

A intervenção duma entidade astral na elucidação de certos factos, deve ser igualmente encarada como certa, tão intimamente ligados andamos ao mundo oculto, embora inconscientemente.

Também a uma dissociação da personalidade se podem imputar muitos dos fenómenos de metagnomia, e é mesmo essa a hipótese que melhor quadra à interpretação de algumas manifestações determinadas pela ingestão de certos princípios activos contidos nalgumas plantas.

Figuram, vastamente representados no arsenal terapêutico, os alcaloides extraídos de inúmeras plantas, utilizando-se em medicina, quer a sua associação natural, quer o seu emprêgo isolado.

A muitos desses princípios activos, especificadamente aos vários derivados do ópio, à cocaína e ao cânhamo, se atribuem propriedades alucinatórias, origem de intoxicações provocadas freqüentemente, e cultivadas por inveterados toxicómanos. Essas alucinações, determinadas por uma intensa hiperemia cerebral, conduzem a um embrutecimento progressivo, após essa excitabilidade intelectual passageira.

As plantas tidas como adivinhatórias são também alucinantes.

Ignora-se, porém, exactamente, o seu grau de toxidade, que em algumas delas é grande, bem como quais os alcaloides que actuam na dissociação da personalidade, origem provável da irrupção súbita duma clarividência manifesta, embora preexistente em estado embrionário.

Durante a ebriedade que elas provocam, há, por vezes, uma lucidez perfeita e uma completa coordenação de idéas, a-pesar das intensas visões que ocasionam, no meio das quais surgem as palavras proféticas, quási sempre no declinar da embriaguez.

O estudo dessas plantas, conhecidas e citadas todavia há muito em velhos livros, tem atraído modernamente a atenção de vários sábios. O Dr. Rouchier, que sôbre as mais importantes reuniu abundantes dados bibliográficos, numa conferência realizada no Instituto Metapsíquico Internacional, chamou a atenção dos metapsiquistas para a influência que elas podem ter na produção de fenómenos do conhecimento supranormal pelas suas propriedades metagnomigénias.

As plantas que podem considerar-se mais notavelmente dotadas dessas propriedades são o Ololihuqui, a Ayahuasca, o Yagé e o Peyotl, que os indígenas utilizam só ou associadas em infusões concentradas.

Provindo o conhecimento destas plantas de narrações dispersas sôbre práticas rituais ou de magia usadas por tribus selvagens de vários pontos do glôbo, principalmente da América tropical, compreende-se que haja grandes lacunas, quer na perfeita identificação das espécies botânicas a que essas plantas pertencem, quer no conhecimento das propriedades fisiológicas e seu modo de actuação.

Por descrições de missionários, naturalistas e colonos, sôbre o uso destas plantas e seu emprêgo na feiticaria e nas cerimónias religiosas, sabe-se que, mais ou menos tóxicas, é necessária uma preparação prolongada de abstinência e jejuns e uma habituação gradual ao veneno para que possam ser suportadas as altas doses que ingerem os feiticeiros e os padres e que os tornam metagnomos.

O Ololihuqui não foi ainda ao certo botânicamente identificado, afirmando uns ser a *Ipomea sipedifolia*, outros o *Convolvulus speciosus*, ignorando-se se a planta que hoje é conhecida por esse nome, será a mesma que a descrita pelos primeiros naturalistas chegados à Nova Espanha, território um pouco mais extenso que o México actual e que assim foi chamado por Carlos V. quando os primeiros espanhóis o conquistaram.

No Ololihuqui era utilizada a planta que os índios mascavam e comiam quando consultavam os seus deuses, ou a semente de que os velhos mexicanos se serviam igualmente para fins adivinhatórios.

A ayahuasca, trepadeira oriunda das florestas virgens do Equador, Colômbia, Venezuela e Alto Brasil, é das mais tóxicas e por esse motivo designada pelo nome de cipó da morte. Também é conhecida pela trepadeira dos sonhos ou cipó dos espíritos, porque permite, segundo a crença indígena, a comunicação com os mortos.

O seu nome botânico é a *Banisteria Caapi*.

Os índios do noroeste do Amazonas fazem uma bebida concentrada com esta planta a que associam algumas vezes o Yagé, e que tomam no silêncio da noite. Essa bebida ingerida em doses fraccionadas e sucessivas, produz-lhes sonhos profé-

ticos do futuro. Os feiticeiros naturais empregam-na também para descobrir as doenças e tratar dos enfermos junto dos quais são chamados.

O Yagé, trepadeira que cresce nas mesmas regiões tropicais, ainda não foi perfeitamente identificada botânicamente, porque os indígenas escondem cuidadosamente os lugares onde ela cresce. Pode todavia afirmar-se que a sua toxicidade é muito menor que a da Ayahuasca, que ia matando o Dr. Reinburg quando quis experimentar o efeito desta planta em si próprio.

Com o Yagé há alguns factos registados por pessoas cultas, que são muito interessantes. Mencionarei o seguinte caso, tal como o Dr. Zerda Bayon, de Bogotá, no-lo conta : « O coronel Custódio Morales, comandante do destacamento militar de Caqueta, toma 16 gôtas duma solução de alcaloides de Yagé com um pouco de água, à noite, ao deitar. No dia seguinte de manhã conta ter tido a visão de que seu pai, que habitava Ibagué, tinha morrido e que sua irmã, que êle amava muito, estava doente.

Não era possível terem trazido essa notícia ao coronel, porque o mais próximo posto de correio estava a 15 dias de viagem. Um mês depois desta estranha visão chegou um correio com cartas que anunciavam ao coronel Morales que seu pai tinha morrido e sua irmã entrava em convalescença duma grave doença. »

E' interessante notar que durante as alucinações provocadas pelo Yagé o paciente delira, vendo e ouvindo coisas afastadas que descreve e de que índios selvagens, nos quais os missionários observaram estes fenómenos, não teem a menor noção. Fazem por vezes a descrição detalhada de edifícios, de cidades e da vida dos povos civilizados que inteiramente desconhecem e cuja visão demonstra evidentemente um desdobramento provocado pela ingestão destes alcaloides especiais.

Porém, a planta mais notável pelas suas propriedades metagnomigéneas é o cacto mexicano designado botânicamente pelo nome de *Echinocactus Williamsi* e conhecido vulgarmente por peyotl.

Primeiramente, porque não produz embriaguez e as faculdades intelectuais do experimentador se mantem perfeitamente lúcidas através da experiência, permitindo-lhe descrever minuciosamente as alucinações visuais, auditivas e mais raramente olfativas e gustativas segundo os quadros que se apresentam à sua prospecção, à maneira dos metagnomos; em segundo lugar, pela coloração que acompanha estas visões. Fizeram-se algumas experiências notáveis com o pan-peyotl, extracto clorofórmico dos alcaloides deste cacto, com resultados dignos da maior ponderação.

Analizemos a experiência realizada com um engenheiro, que precedentemente não possuía clarividência, e que acusou depois da absorção de 2 gr. de Pan-peyotl uma sensibilidade admirável na detecção telepática.

Uma senhora teve a idéa de tentar transmitir o seu pensamento, pensando na cabeça de Dante. 3 minutos mais tarde era vista pelo sensitivo. A mesma senhora escreve num papel : « Lobo ». Um quarto de hora depois o sensitivo descreve : « Uma floresta. Luar. Impressão de solidão. Fixa-me um lobo. »

Tentou-se então uma experiência mais complexa. A mesma senhora formulou o desejo de que fôsse visto pelo sensitivo um livro especial que tinha oferecido a uma sua prima em casa de quem tinha estado havia pouco, e no mesmo instante o passivo descreve o quarto dessa senhora com todas as particularidades e minudências, não encontrando porém o livro porque, como mais tarde se comprovou, fôra levado pela pessoa para outro compartimento, embora tudo levasse a crêr que a referida senhora continuaria doente na cama.

E' interessante notar que a senhora a quem se deve a iniciativa destas experiências, com uma única ingestão de peyotl, adquiriu a metagnomia. Muito haveria a dizer sobre o assunto. Não desejo porém fatigar os leitores, embora julgue o assunto de bastante interesse.

FACTOS SUPRANORMAIS

UM CASO DE PNEUMATOFONIA

O acontecimento que nos conta o jornal de Melbourne «The Harbinger of Light» merece especial menção pela sua raridade e transcendência. Foi determinado por miss Pearl Judd, rapariga de 18 anos que vive na Nova Zelândia.

Estando reunidas várias pessoas familiarmente numa sala, entretidas cada qual com os seus trabalhos, alguém tocava no piano uma ária suave do «Messias» de Haendel. De repente a mãe do médium exclamou: «Estou certa de ter ouvido uma voz sôbre as nossas cabeças».

Tendo convergido a atenção das pessoas presentes para o facto insólito, a execução do trecho continuou em pianíssimo para permitir investigar qual a origem de tão estranho fenómeno.

Verificou-se que era uma voz de timbre feminino que procurava acompanhar o trecho que se estava executando ao piano, mas que se detinha por vezes como que para fazer sentir a sua independência e mostrar que não provinha de ressonância o som emitido e escutado em silêncio pelos assistentes.

Ante o pasmo crescente dos presentes se ouviu depois a mesma voz reforçada num pavilhão de gramofone que se encontrava na sala e no qual o médium tinha apoiado ligeiramente os dedos.

Em seguida ouviu-se outra voz máscula que pronunciou a palavra «Pai».

Estes fenómenos tiveram continuação em dias subseqüentes e algumas semanas mais tarde, as vozes, de diversos timbres, não necessitavam de ser ampliadas pelo pavilhão e sobressaíam ao piano, impondo ao pianista árias determinadas e impedindo-o de executar qualquer trecho que desagradasse às inteligências produtoras dos fenómenos.

As mais interessantes e peculiares particularidades destas manifestações, são as de se produzirem somente acompanhadas por música suave, e sustentarem as vozes notas que nenhuma garganta humana conseguiria emitir.

Narremos a propósito, ainda que ligeiramente, várias outras modalidades da complexa mediunidade desta rapariga, anteriormente observadas e que a tornam a todos os respeitos notabilíssima.

Começaram os primeiros fenómenos quando a pequena tinha apenas 14 anos, apresentando uma grande analogia com os produzidos por Leonor Zügun, em que predominam as deslocções de objectos sem contacto precedidas de pancadas. Entre os fenómenos desta natureza produzidos por este médium, destaca-se a elevação duma pesada mesa que se manteve suspensa sem qualquer contacto humano a 2 metros e meio de altura.

Depois produziu manifestações intelectuais, quer por escrita automática, quer em estado de transe, tendo recebido longas e elevadas mensagens inspiradas por inteligências superiores.

Eis, sumariamente expostas, as anterioridades que precederam neste médium a produção de vozes, faculdade que por certo o há-de celebrar.

FRAGRANCIA DE FLORES

SEM APPORTS

A «Revue Spirite» publicou um facto a todos os títulos notável e que merece ser reproduzido pela sua raridade e excepcional importância.

Passou-se o caso com o mexicano, sr. Dr. Francisco Quevedo, juiz da comarca de Nogales-Sonora, que o recordou a propósito dum outro facto da mesma natureza acontecido há pouco a um seu amigo.

Este acontecimento sensacional passou-se em Vera Cruz, no dia 3 de Novembro de 1909, dia seguinte ao de finados, em que o sr. Dr. Quevedo entrou casualmente no cemitério, levando um lindo ramo de resedá que acabara de comprar, seduzido pelo seu aroma penetrante.

Feriu-lhe a atenção um túmulo desprezado entre todos os outros que se achavam devidamente cuidados e adornados com flores.

Depois de o ter limpo convenientemente, descobriu na lousa o nome de «Simonna Arauz» por alma da qual fez uma prece, embora fôsse uma desconhecida, espalhou sobre a campa as flores que levava e retirou-se em seguida.

Na noite dêsse mesmo dia, tendo ido a uma sessão espírita, já esquecido do seu passeio, sentiu, assim como as outras oito pessoas que estavam reunidas ao principiarem os trabalhos, um intenso cheiro a resedá, depois do que se manifestou uma Entidade que dizia chamar-se «Simonna Arauz», começando a sua comunicação por estas palavras: «Trouxeste-me flores, restituo-te o perfume».

Desnecessário é dizer que na casa não existia qualquer flôr que pudesse produzir êsse fragrante aroma.

O caso a propósito do qual o sr. Dr. Quevedo fez a narração do que se passou consigo, é o seguinte:

Tendo o sr. José Inureta, director do jornal «La Gaceta», perdido sua sogra que amava como mãe, notou com grande surpresa, bem como numerosas pessoas presentes, que no momento em que ela expirava se espalhou súbitamente um penetrante cheiro a rosas, fenómeno êste que se repetiu alguns dias mais tarde, à chegada de parentes que se encontravam distantes e que com grande assombro assistiram à estupefaciente manifestação. O aroma persistiu durante mais de uma hora!

Como explicar tão complexas manifestações, que parecem derrogar todas as leis da natureza, mas que por certo estão integradas nelas?!

Só a nossa ignorância e os acanhados limites do nosso conhecimento podem afinal justificar o pasmo com que as admiramos.

O NOSSO AGENTE GERAL NO BRASIL

Deu-nos o grato prazer de aceitar o cargo de Representante e Depositário Geral desta revista no Brasil, o nosso querido Confrade e brilhante jornalista, sr. Sousa do Prado, redactor do diário «A Pátria Portuguesa», do Rio de Janeiro, onde com tanta elevação e patriotismo tem sabido defender os interesses da laboriosa Colónia Portuguesa, e tanto tem pugnado pelo intercâmbio intelectual Luso-Brasileiro.

Aqui deixamos consignado todo o nosso indelével reconhecimento por tão gentil distinção, agradecendo ainda ao nosso ilustre compatriota, sr. Sousa do Prado, que tão relevantes serviços tem prestado a Portugal, a preciosa colaboração que vai dedicar a esta revista com os fulgores da sua pena brilhante.

BOLETIM

DA

FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

1926 — 31 de Julho — 1927

Passa o primeiro aniversário da Federação Espírita Portuguesa.

A sua Direcção aproveita esta oportunidade para saudar, respeitosa e fraternalmente, tôda a Família Espírita Portuguesa, e vem, por êste meio — cõscia da alta responsabilidade do seu mandato — dar contas do trabalho já realizado.

SEDE — Depois que a Comissão Pró-Federação, nomeada pelo 1.º Congresso Espírita Português, realizado em Lisboa de 15 a 18 de Maio de 1925, elaborou e fez aprovar os respectivos Estatutos, tornava-se necessário dar posse aos Corpos Gerentes para se iniciarem os trabalhos de organização, o que era impossível fazer-se sem sede.

O problema da sede era verdadeiramente complicado, porque a renda das casas era e é exorbitante e os trespasses elevadíssimos, e a Federação, que ainda de facto não estava constituída, não tinha recursos financeiros para o solucionar.

Recorreu-se a uma simples sala na Travessa André Valente, 7, cuja renda mensal, a-pesar disso, era de quatrocentos e cinqüenta escudos.

Felizmente, com os trabalhos de organização e de propaganda intensiva, determinando a entrada de novos sócios, melhorou sensivelmente o estado financeiro da F. E. P., embora o rendimento total não fõsse suficiente para arcar com a renda duma casa.

Era necessário também iniciar os trabalhos experimentais, o que não se podia nem sequer tentar naquela sala, já acanhada para os trabalhos de secretaria e de expediente.

Arrostando com todas as dificuldades, durante seis meses consecutivos se procurou casa, sendo baldados todos os esforços, não só por serem diminutas as disponibilidades monetárias, mas ainda pela poderosa força de preconceitos dalguns senhores.

A única solução possível era arrendar parte de casa — *com todos os seus graves inconvenientes* — e foi essa a orientação que procurou seguir-se.

Finalmente, em Abril p. passado, arrendou-se um quarto andar em lugar **central** — como era máximo desejo e principal objectivo da Direcção — sendo necessário subarrendar alguns compartimentos, ficando a Federação apenas com quatro divisões, porque não estava mais na sua capacidade financeira.

A-pesar-de modesta e acanhada, esta sede tem sido um poderoso núcleo de confraternização e de convívio espiritual, realizando-se semanalmente interessantes conferências, versando os múltiplos aspectos do Espiritismo, seguidas de trabalhos experimentais espiritistas e metapsíquicos.

Para mobilar esta sede — ainda que modestamente — teve de recorrer-se a um empréstimo que ainda está por liquidar — desajudada como tem estado a Federação de todo o auxílio financeiro, que não seja as cotas dos sócios, mal equilibrando as despesas estritamente indispensáveis.

ORGANIZAÇÃO — O valor produtivo duma propaganda depende fundamentalmente da estrutura orgânica da colectividade que lhe serve de núcleo.

Fôrças dispersas e desorientadas, seja qual for o seu valor individual, são improduttivas e, por vezes, prejudiciaes, de efeito neutralizante e até contraproduttente.

Daf a imperiosa necessidade dos movimentos federativos que não representam, de forma alguma, perda de autonomia, mas sim uma conjugação sinérgica de esforços para se obter, metódicamente, o máximo rendimento dum mesmo Ideal.

Teem sido perseverantes os esforços empregados pela Direcção para conseguir orientar e organizar o movimento espirittista português, embora alguns confrades não tenham correspondido ao nosso apêlo com a brevidade e solictude que seria para desejar, porque, na verdade, todos temos deveres a cumprir.

Nos movimentos espirittualistas a todos — *sem excepção* — pertence um quinhão de esforço e de sacrificio, e quem colocar os seus mesquinhos interesses pessoais acima do interesse do seu Ideal, não deve tomar parte em movimentos de tão nobre e altruista natureza.

A estrutura orgânica da Federação é essencialmente descentralizadora, de modo a obter em pontos diversos e distantes — *numa orientação definida* — o máximo rendimento de propaganda, sua principal finalidade.

Para a execução deste objectivo, a Direcção vem servindo-se dos seguintes meios:

1.º — *Obtendo o maior número possível de sócios, quer individuais, quer colectivos, de Lisboa, Província, Ilhas Adjacentes e Colónias.*

Neste sentido tem visto aumentar nalgumas centenas o número dos seus sócios individuais, sobretudo nos últimos quatro meses.

Quanto aos Centros e Grupos espirittas federados é bem reduzido o seu número, atendendo a que poucos Centros há legalizados em Portugal, e só estes podem federar-se à face das disposições estatutárias. A' excepção de dois apenas, todos os outros Centros espirittas legalizados já se encontram federados.

Sendo grande a quantidade de núcleos espirittas com carácter familiar, a Direcção tem trabalhado no sentido de os constituir em Centros legalizados, prestando-lhes a Federação todo o seu concurso na redacção e aprovação dos seus estatutos, tendo conseguido já a aprovação legal de alguns, que se arrastavam, há anos, nas estações officiais sem obterem a devida aprovação.

Como bem se comprehende, o rendimento para a Federação dos Centros e Grupos espirittas federados é insignificante, pelas dificuldades financeiras com que eles também lutam, mas o significado moral da sua confraternização é elevado e nobre.

Quanto às Uniões Espirittas Provinciais, existe apenas, por enquanto, a do Algarve, poderoso núcleo de irradiação, que já se encontra federada desde o seu 3.º Congresso Regional, realizado em Faro em Outubro de 1926, a que assistiu o sr. Dr. António J. Freire, como Delegado especial da Federação.

Está em via de realização a União Espiritta Alentejana, para o que se trabalha activamente, tendo fortes e dedicados elementos para a sua organização.

2.º — *Criando e promovendo a constituição das Comissões Federativas de Propaganda Espiritta concelhias.*

Será desnecessário, pela sua evidência, encarecer as suas enormes vantagens e alta finalidade. Estas Comissões devem ser os mais poderosos vínculos da organização federativa e os mais intensos focos de irradiação da propaganda.

*A Direcção da Federação Espiritta Portuguesa tem feito sentir aos seus Confrades, por várias vezes, a necessidade urgente de nomearem as suas Comissões Federativas concelhias, não só para estreitarem, numa plena confraternização e fecundo trabalho, os espirittas de cada concelho **entre si**, mas também com a Federação, dando assim unidade e método à propaganda do nosso Ideal em cada concelho.*

Já estão nomeadas trinta e duas Comissões Federativas concelhias, mas é preciso e inadiável que todos os nossos Confrades queiram comprehender que, sem essas Comissões estarem eleitas, é impossível unificar e orientar os nossos esforços, o que representa um desperdício considerável de tempo e de energia, e a Federação tem outros problemas difíceis e complexos a enfrentar e de urgentes soluções.

Essas Comissões devem ser eleitas em totalidade, única e exclusivamente, pelos espirittas residentes em cada concelho, reúnidos no seu maior número possível, e em harmonia com as instruções do C. S. D. que, mais uma vez, transcrevemos textualmente :

« O Conselho Superior Deliberativo, na sua sessão ordinária de três de Setembro

p. p., determinou por unanimidade de votos, que a organização federativa dos Espíritas Portugueses tivesse por base os concelhos administrativos, para a Província e Ilhas Adjacentes.

Neste sentido, todos os Espíritas de cada concelho, que desejem federar-se, devem reunir-se, a fim de elegerem uma Comissão de três a onze membros, que será denominada Comissão Federativa de Propaganda Espírita, cujo Presidente e Vice-presidente eleitos serão, respectivamente, o Delegado e Sub-delegado concelhios da Federação Espírita Portuguesa.

Esta organização não impede que os Centros ou Grupos Espíritas, dos diferentes concelhos, legalmente organizados, se federem colectivamente, em harmonia com o Capítulo III dos Estatutos da Federação Espírita Portuguesa.

Para todas as Colónias Portuguesas, onde preside diversidade de critério nas divisões administrativas, os Espíritas ali residentes escolherão a forma mais prática de elegerem as Comissões Federativas de Propaganda Espírita, orientando a eleição nos mesmos moldes, e localizando-a dentro das respectivas divisões administrativas, sempre que seja possível.

Será desnecessário encarecer a necessidade urgente de todos os Espíritas Portugueses se organizarem e federarem, para, assim, numa união de íntima confraternização, trabalharmos harmónicamente, para a propaganda do nosso Ideal e para a realização dos objectivos expressos nos Estatutos da Federação Espírita Portuguesa».

3.º — Estabelecendo uma íntima e patriótica confraternização com os espíritas portugueses residentes no estrangeiro.

Na verdade, um dos objectivos a que a Direcção da Federação Espírita Portuguesa tem ligado capital importância e um alto interesse, visa procurar estabelecer uma plena confraternização espiritual com os espíritas portugueses dispersos pelo estrangeiro, muito especialmente no Brasil e nos Estados Unidos da América do Norte, onde funcionam núcleos espíritas de grande valor, constituídos por nossos compatriotas, com cujo patriotismo, e dedicação ao nosso comum Ideal, muito deve contar a Federação Espírita Portuguesa.

Nesta orientação já estão efectuados importantes trabalhos no Brasil e iniciados vários meios de aproximação para a América do Norte, cujos resultados devem, talvez, exceder a melhor expectativa, pelos resultados já colhidos em tão poucos meses.

De resto, será desnecessário acentuar que a Federação Espírita Portuguesa é património de todos os espíritas portugueses, qualquer que seja o país da sua residência.

Sendo grande desejo, e até dever da Direcção, estreitar os laços espirituais com todos os espíritas portugueses residentes no estrangeiro, com as nossas afectuosas saudações, apelamos para o seu patriotismo e comunhão num mesmo Ideal, a-fim-de confraternizarem com a Federação Espírita Portuguesa pelos meios mais consentâneos a uma íntima colaboração, estreitando, pelo coração e pelo cérebro, as distâncias que nos separam.

«REVISTA DE ESPIRITISMO» — O órgão oficial da Federação Espírita Portuguesa entra no seu quarto número.

A sua publicação representava um problema de máxima vitalidade para a Federação nascente, e para a propaganda, pois seria o porta-voz da sua orientação, trabalhos e atitudes, e um dos meios de melhor se poder impor ao respeito e consideração pública, dignificando o ideal espírita, tão deturpado e desconhecido no nosso país, no seu real significado científico e filosófico, e no seu vasto e fecundo alcance social.

Só quem desconhecer as nossas dificuldades financeiras e o exorbitante preço que assumiram os trabalhos gráficos no nosso país, não compreenderá a soma de dificuldades e de obstáculos, que foi necessário enfrentar e vencer corajosamente para a sua regular publicação.

Esta revista, no duplo ponto de vista gráfico e de colaboração, é susceptível de melhorar ainda consideravelmente — *mas não vivamos de ilusões* — esta revista só poderá manter-se, desde que os espíritas portugueses, cônscios dos seus deveres, não só tomem a sua assinatura, mas também empreguem os seus melhores esforços para conseguirem o maior número possível de assinantes, que só o motivo de propaganda seria suficiente para justificar.

Falando da *Revista de Espiritismo* não podemos deixar de nos referir à *Caixa de Propaganda* que lhe anda anexa.

Esta Caixa tem um duplo fim: em primeiro lugar subsidiar algumas centenas de exemplares de cada número do órgão oficial, enviados *gratuitamente*, como meio de propaganda, a numerosas Associações e outras agremiações portuguesas; em segundo lugar fornecer os meios para a publicação de folhetos e monografias de propaganda espírita, de distribuição gratuita.

Por aqui se conclui o carinho que a *Caixa de Propaganda* deve merecer aos espíritas portugueses, e para todos aqueles, que a ela tem concorrido generosamente, vai o nosso agradecimento.

Também nos cumpre agradecer os aplausos e incitamentos, quer estrangeiros, quer nacionais — em especial da imprensa — com que tem sido distinguido o órgão oficial da Federação — « *Revista de Espiritismo* » — cujo benévolo acolhimento tem ido além da nossa expectativa, especialmente no Brasil e em Espanha, onde tem sido tomadas muitas assinaturas.

Confrades portugueses: — A *Revista de Espiritismo*, ainda com todos os seus defeitos, é, indiscutivelmente, o mais forte baluarte do Espiritismo para o nosso país, mas sem a vossa protecção e auxílio desmantelar-se-há, e o inimigo tripudiará sobre as ruínas do nosso Ideal, que tantos sacrifícios tem custado para o vermos engrandecido e dignificado, como está actualmente.

Não deixeis perder tão bela e nobre oportunidade para a vossa evolução e para fazerdes evolucionar os cegos de entendimento, levando-lhes a Luz Cristã — *em espírito e verdade* — através da « *Revista de Espiritismo* ».

PROPAGANDA — Resolvidos os problemas fundamentais e lançadas as bases da organização federativa, foi precisamente para a propaganda do Espiritismo que convergiu toda a actividade e iniciativa da Direcção, como principal finalidade da Federação.

Neste sentido está já elaborado um vasto plano de propaganda por meio de conferências, livros, monografias, folhetos, etc., que a falta de recursos impede de dar realização imediata.

A-pesar-disso tem-se aproveitado a « *Revista de Espiritismo* » para fazer uma larga propaganda, enviando-a gratuitamente às colectividades que tem gabinete de leitura, para assim se obter o máximo rendimento de propaganda com o mínimo de despeza. Muitas dessas colectividades se nos tem dirigido com entusiásticos encómios e verdadeiro interesse, pedindo preços e esclarecimentos da bibliografia espírita.

Do Brasil, a magnífica « **Revista Internacional de Espiritismo** » que é, sem favor, uma das melhores revistas mundiais da especialidade, e os importantes jornais de Espiritismo: « **A Aurora** », « **Mundo Espírita** » e « **O Clarim** », com tiragens de algumas dezenas de milhares, tem tido a generosidade de oferecerem à Federação Espírita Portuguesa grande número de exemplares, que tem sido distribuídos também só por colectividades, devidamente seleccionadas, o que tem activado extraordinariamente a nossa propaganda, deixando aqui vincado todo o nosso agradecimento aos nossos Prezados Confrades Brasileiros pela sua valiosa e fraternal colaboração.

Também por intermédio do sr. Dr. António J. Freire se realizaram conferências de propaganda em Faro, Beja, Olhão, Portel e Caldas da Rainha, sem dispêndio algum para a Federação.

Estão projectadas várias outras conferências na Província e Ilhas Adjacentes, sem encargos monetários, que a Federação, por enquanto, não poderia suportar.

Na sede da Federação, desde o seu início, tem-se realizado conferências todos os domingos, das 15 às 18 horas, não tendo sido suspensas durante o verão

para corresponder a pedidos insistentes e para evitar enfraquecimentos da nossa actividade de propaganda.

A insuficiência da sede para o número crescente de sócios, em especial da sala de conferências, é um problema que muito preocupa a Direcção e as nossas condições não permitem que seja resolvido prontamente.

Também já se iniciaram, com feliz êxito, trabalhos experimentais espiritistas e metapsíquicos colectivos (podendo assistir todos os sócios que assim desejem) funcionando semanalmente, além de onze grupos experimentais particulares que já estão fazendo as suas sessões espíritas, com tóda a regularidade e bom resultado, na sede da Federação.

Está-se trabalhando activamente para se organizar, com a possível brevidade, uma escola para desenvolvimento racional e metódico de médiuns.

COMISSÃO BRASILEIRA PRÓ-FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA — A Direcção, desde que tomou posse oficial do seu mandato, tem procurado estabelecer uma aproximação fecunda com os ilustres e activos Espíritas Brasileiros.

Foi para realizar esta grata aproximação que se constituiu a Comissão Brasileira Pró-Federação Espírita Portuguesa, que tem sido incansável de esforços e de dedicação e muito há-de contribuir para firmar o intercâmbio intelectual e espiritual entre os espíritas Brasileiros e Portugueses, numa plena e íntima confraternização.

A Direcção deseja consignar aqui, aos seus Prezados Confrades Brasileiros, o seu profundo e imarcessível reconhecimento pelo carinhoso auxílio que teem dispensado à Federação Espírita Portuguesa, mostrando que o Espiritismo, para elles, não reside nos lábios, mas sim no coração iluminado pelo cérebro.

Também é da mais elementar justiça, prestarmos as devidas homenagens ao nosso patricio e devotado Confrade, sr. António José Alves, a quem a Federação deve inestimáveis e valiosos serviços, pelo esforço que tem dispendido no Brasil, em seu benefício.

A bondade e gentileza cativantes dos nossos denodados Confrades Brasileiros deram realidade e vida à nossa aspiração, constituindo a Comissão Brasileira Pró-Federação Espírita Portuguesa, onde ingressaram individualidades das mais brilhantes e prestigiosas do movimento espiritista Brasileiro, a quem os espíritas portugueses ficam devendo o mais respeitoso e profundo reconhecimento.

Esta Comissão, com sede no Rio de Janeiro, ficou assim constituída :

Presidente — Dr. Leal de Sousa, jornalista e escritor ; Secretário — José Guimarães, comerciante ; Tesoureiro — Américo Lopes Vieira, comerciante ; Vogais — Dr. Carlos Imbassahy, Inácio Bittencourt, Coronel Artur Rosemburg, José Carlos Chelmicki Afflalo, Dr. Guilon Ribeiro, Comandante Luís Barreto Alves Ferreira, Francisco de Oliveira Monteiro, C. A. Nóbrega da Cunha, António José Alves, Sousa do Prado, José Tosta e José Ferreira.

CONCENTRAÇÕES MENTAIS — O poder soberano do pensamento é hoje facto incontroverso, experimentalmente demonstrado, consagrado e praticado perante todas as correntes neo-espiritualistas esotéricas e herméticas.

A Federação Espírita Portuguesa está constituída no dever de ser um potente foco de irradiação mental bemfazeja para tóda a Humanidade e, em particular, para Portugal, desde que o nosso Karma nos deu esta pátria terrena, bem digna, pelo seu passado heróico e santo, dos melhores destinos.

O artigo 8.º dos nossos Estatutos, na *alínea d*), diz, relativamente aos deveres dos sócios: — « *Estudarem e desenvolverem, metódica e scientificamente, as suas fôrças metapsíquicas latentes e a concentração mental, em benefício da Humanidade* ».

Neste sentido, e ainda interpretando o sentir dum grande número de sócios,

pedimos a todos os espíritas portugueses para se concentrarem todos os dias, às **21 horas**, durante, pelo menos, cinco minutos, fazendo irradiar pensamentos de Paz, de Amor e de Harmonia, não só para todo o Universo, mas ainda por Portugal e pela Federação Espírita Portuguesa, em especial, pelos seus Guias Espirituais.

SITUAÇÃO FINANCEIRA — A Direcção da Federação Espírita Portuguesa tem, até hoje, lutado quasi sòzinha e sem recursos, não sendo justo que continue assim desamparada.

Não pedimos sacrifícios a Confrade algum, mas desejamos o auxílio de todos, e parece-nos que o trabalho já realizado e as condições em que se realizou, são penhor suficiente para quem agora nos queira auxiliar.

Todos os que, *retraídos e isolados*, se teem mantido numa cómoda attitude de expectativa, já possuem, talvez, elementos para formarem uma apreciação segura e definirem a sua orientação.

A Federação não pode nem deve viver do esforço de meia dúzia de sacrificados; — ela é património de todos os espíritas portugueses.

As despesas da instalação, ainda que modestíssima e regulada na mais estrita economia, forçou-nos a um débito de oito mil e novecentos e sessenta escudos — **Esc. 8.960\$00** — que ainda este ano deve ser aumentado com o *déficit* do órgão oficial, porque a assistência à « *Caixa de Propaganda* » talvez não equilibre a despesa.

Para a liquidação deste débito fica, desde o número seguinte, aberta a « **Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa** », desde já agradecendo a todos os nossos Confrades, que generosamente a queiram patrocinar, em benefício do nosso nobre Ideal.

A amplitude da nossa acção depende, única e exclusivamente, do concurso que os nossos dedicados confrades queiram prestar à sua Federação.

Iremos mais depressa ou mais devagar, à mercê do vosso auxílio e dedicação.

Justo é que todos nos lembremos de que — « *os tempos são chegados* » — e que, mais do que até aqui, é necessária uma intensiva propaganda para iluminar — « *os cegos que conduzem cegos* ».

A máquina está montada, todas as engrenagens funcionam bem, mas só com a energia da vossa Fé, temperada num certo espírito de sacrifício, ela poderá funcionar com o devido rendimento, a-fim-de ir desobstruindo o Caminho Luminoso de Jesus Cristo — uma das mais belas vias de resgate e de redenção.

Só a união faz a fôrça.

A DIRECÇÃO

COBRANÇA

Estamos procedendo à cobrança do Continente e Ilhas Adjacentes, pelo correio.

Somos forçados a suspender a remessa desta revista a todos aqueles que não paguem a sua assinatura, seja qual fôr o motivo.

Como alguns assinantes podem estar ausentes das suas residências, pois estamos no verão, pedimos que no seu regresso nos enviem a importância das suas assinaturas, evitando assim novas despesas de cobrança pelo correio e que seja suspenso definitivamente o envio desta revista.

A todos aqueles que não queiram pagar, pedimos o obséquio de nos enviarem os exemplares recebidos.

OS ADMINISTRADORES

NOTICIÁRIO

PORTUGAL

Comissões Federativas de Propaganda Espírita — Iniciamos hoje a publicação das Comissões Federativas de alguns concelhos de Portugal, prestando a nossa homenagem aos Confrades que trabalharam para a sua organização :

Portel — Presidente, Joaquim Palma e Costa; Vice-Presidente, Serafim José Lopes; Secretário, António Almeida Albuquerque; Vogais: António Ascensão Fragoso de Lima, António Francisco Barão, António Joaquim de Carvalho Amaral, Joaquim da Silva, José Fragoso, José Mendes Rosado e Pedro Carlos Mendes.

Montemor-o-Novo — Presidente, Capitão Augusto Maria da Silva Flores; Vice-Presidente, José da Visitação Oliveira; Secretário, Joaquim José de Paiva; Vogais: Dr. Vasco Marques Pires, Dr. Angelino Augusto Ferreira, Joaquim de Sousa e José dos Reis Pires.

S. Brás de Alportel — Presidente, Dr. António Guerreiro da Ponte; Vice-Presidente, António Anastácio dos Santos Carapeto; Secretário, Francisco de Brito Júnior; Vogal, João Dias Alves.

Olhão — Presidente, Manuel Henrique da Cruz; Vice-Presidente, João Henrique da Cruz, sobrinho; Secretário, Silva Brito.

Silves — Presidente, João Lopes Martins; Vice-Presidente, Dr. Pedro Paulo Mascarenhas Judice; Secretário, Manuel Guerreiro; Vogais: José de Castro, Francisco Joaquim Canhestro, José Tomás de Lima e Carlos Perez.

Lagoa — Presidente, José Francisco Cabrita; Vice-Presidente, José Canaido Gonçalves; Secretário, José Joaquim Rita Seixas.

Caldas da Rainha — Presidente, Guilherme de Gouveia Nobre Coutinho; Vice-Presidente, Nuno Infante da Câmara; Secretário, D. Sofia Lopes Gualdino; Vogais: João da Silva Cruz, Dr. Joaquim Pedro Correia da Rocha e Manuel Gomes da Costa Cardoso.

Beja — Presidente, José Zarco Júnior; Vice-Presidente, Major Joaquim Guilherme Guerreiro; Secretário, Eugénio Alfredo Penedo Dória; Vogais: Tenente Lino Vaz Salema Antunes, António Cândido Martins e Caetano Ciriaco Goinhas.

Portimão — Presidente, José Gonçalves Nunes; Vice-Presidente, José de Jesus Teixeira Júnior; Secretário, D. Guilhermina de Oliveira.

No próximo número continuaremos a publicação das Comissões Federativas concelhias de Alcochete, Alandroal, Bombarral,

Ponte de Lima, Moura, Leiria, Figueira da Foz, etc.

A-fim-de organizar e orientar a propaganda espiritista no país, pedimos encarecidamente a todos os nossos dedicados Confrades de Portugal, Ilhas Adjacentes e Colónias, que envidem todos os seus esforços no sentido de elegerem, com a possível brevidade, as suas Comissões Federativas de Propaganda Espírita. Só assim esta Federação poderá trabalhar, metódica e intensivamente, na propaganda, e confraternizar com todos os espíritas portugueses.

Sem organização, não pode haver trabalho profícuo e metódico na propaganda.

Só a união faz a força.

Sacco e Vanzetti — Depois duma agonia dilacerante de seis anos consecutivos de prisão, vendo a cada momento pairar a sinistra cadeira eléctrica numa ameaça constante de morte, foram finalmente electrocutados, em Boston, a 23 de Agosto, estas duas trágicas criaturas, mais desgraçadas do que criminosas, à face do que relata a grande imprensa mundial.

O português Celestino Medeiros foi seu companheiro de suplício, ainda que motivado por crimes diversos e parece que comprovados.

Clamores de piedade e de perdão ecoaram, baldadamente, de todas as partes do mundo. Os magistrados norte-americanos foram inflexíveis e inexoráveis, sem motivo algum suficientemente justificado.

Muitas Federações Espíritas estrangeiras, nomeadamente a Argentina e Brasileira, associaram-se a este movimento de fraternidade humana, implorando a comutação de tão bárbara penalidade, e, se esta Federação não se solidarizou em tão nobre gesto, foi devido unicamente às suas precárias condições financeiras, não comportando a enorme despesa dum explícito cablograma ao Governador Tuller, de Massachusetts.

Os nossos Estatutos são precisos e categóricos quando expõem no artigo 2.º os fins desta Federação, de que transcrevemos a alínea f): — «Cooperar em todos os empreendimentos humanitários, nacionais ou internacionais, especialmente os que tendam a combater a pena de morte, as guerras, o regime presidiário, a prostituição, o alcoolismo e o mau trato aos animais».

A-pesar-da Grande Guerra ter concorrido para ainda mais embotar e endurecer a sensibilidade moral da sociedade contemporânea, eivada dum feroz egoísmo, as execu-

ções de Boston concorreram já para que na Dinamarca, França e Alemanha se tenha feito sentir um prometedor movimento humanitário para que termine nestes países a pena de morte, que, felizmente, não existe no nosso país.

E' agora usado o momento para que as correntes neo-espiritualistas de todo o mundo, num gesto de coerência e de lealdade com a ética que as orienta e com o profundo conhecimento kármico que torna cada vida solidária no passado e no futuro, se unam numa plena colaboração para dar um combate sem tréguas « à pena de morte », tão anti-progressiva, quanto anti-humanitária.

No dia em que os mais famosos legisladores tiverem a nítida compreensão do mecanismo da grande e admirável Lei da evolução espiritual, hão-de cõr de vergonha, se não de remorsos, por terem concorrido, numa falsa visão do encadeamento das causas dos fenómenos sociais, para a maior monstruosidade jurídica da nossa época, expressa na pena de morte, de efeito contra-producente e duma injustiça flagrante.

A Humanidade não tem o poder de vida nem o direito de morte, mas apenas o absoluto dever de regenerar pela educação e pela instrução os seus irmãos mais atrasados ou retardatários na sua evolução moral, quer pelo coração, quer pelo cérebro.

O regime presidiário, salvo raras excepções, é uma magnífica escola de crimes e não de educação regeneradora e evolutiva, como deveria ser.

— *Neo-espiritualistas de todo o mundo!* — atacaí de alma e de coração a pena de morte, a maior blasfêmia lançada ao Infinito Amor de Deus e o mais abominável crime legalizado da sociedade moderna, quasi ignorante das verdadeiras concepções da vida.

Esta revista, ainda que modestamente, secundará êsse movimento de reabilitação social e de reacção evolutiva.

José C. Chelmicki Afflalo — De visita a Portugal, chegou do Rio de Janeiro êste nosso ilustre Confrade, figura prestigiosa no meio espirita do Brasil, membro consecutivamente reeleito da Assembleia Deliberativa da Federação Espirita Brasileira, a quem tem prestado relevantes serviços pela sua acrisolada dedicação e pelos primores da sua inteligência justa e bem equilibrada.

Delegado da Comissão Brasileira Pró-Federação Espirita Portuguesa, do Rio de Janeiro, de que é um dos elementos de maior relêvo, vem incumbido da missão especial de saudar oficialmente a Federação Espirita Portuguesa e intensificar o in'ercâmbio e confraternização espirita Luso-Brasileira, e ainda de estudar a organização dos principais núcleos espiritas de Portugal.

Gratíssimos às gentilezas dêste nosso querido Confrade para esta Federação, com

as nossas melhores saudações, fazemos votos pela realização plena da honrosa e delicada missão de que foi investido pelos nossos Prezados Irmãos Brasileiros, podendo contar com o nosso fraternal acolhimento e com a mais devotada colaboração desta Federação.

Uma conferência espirita — Transcrito do «Diário de Notícias»:

« Promovida pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, de que é presidente a sr.^a dr.^a D. Adelaide Cabette, realizou-se ontem, na sede da Associação de Lojistas, na Avenida da Liberdade, uma sessão solene comemorativa do 28.^o aniversário da 1.^a Conferência Internacional da Paz e Arbitragem, em que Portugal se fez representar.

A' sessão presidiu madame Frondoni Lacombe, que foi secretariada pelas sr.^{as} dr.^{as} D. Maria Amélia Telxeira de Matos e D. Tereza Leitão de Barros.

O sr. dr. Carneiro de Moura, que falou em primeiro lugar, começou por fazer o elogio do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e referindo-se depois à Paz Universal, disse que é absolutamente necessário empregar todos os esforços para bem a defender.

Continuando, fez uma interessante prelecção sobre o espiritismo, que foi ouvida no meio do maior silêncio, pela selecta assistência que enchia totalmente a sala, e que o premiou, no final, com uma vibrante salva de palmas.

Seguiu-se, recitando um soneto intitulado «A Paz Universal», a mentina Judite Santos, que foi muito aplaudida.

Depois usaram da palavra as sr.^{as} D. Angélica Pôrto, D. Fabia Ochoa, D. Maria O'Neill e D. Georgina Cardoso dos Santos, que defenderam com muito brilhantismo os seus pontos de vista, preconizando unânimes a necessidade de se acabar com as guerras.

A sr.^a D. Georgina dos Santos Cordeiro recitou depois, primorosamente, a poesia «Visão da Paz», recebendo também prolongados aplausos.»

« **Luz e Caridade** » — Completou o seu glorioso décimo ano de existência êste denodado campeão da causa espirita, de Braga, ultimamente excomungado pelo senhor Arcebispo daquela arquidiocese, o que ainda tornou esta revista mais apreciada e querida entre os seus numerosos leitores.

Essencialmente cristão, êste mensário, de distribuição gratuita, tem prestado serviços inestimáveis na propaganda e vulgarização do Cristianismo — em espirito e verdade — onde está consubstanciada tôda a ética do Espiritismo, expressa na Lei áurea do amor de Cristo.

Publicada na Roma portuguesa, na vetustal cidade dos Arcebispos, fácil é avaliar as lutas e sacrificios que tem arrostado a sua digna Directoria para enfrentar, nobre e corajosamente, as inúmeras arremetidas dum fanatismo intolerante, de que tem sabido triunfar pela rigorosa e austera exemplificação das mais acrisoladas virtudes cristãs, espargindo a Luz evangélica nas almas, e dulcificando as agruras da pobreza com donativos importantes, distribuídos regular e mensalmente, sem distinção de credos religiosos.

Todo êste dignificante esforço só tem saído dum pequeno punhado de homens,

ocullos na sua modéstia, mas a quem é justo prestar a devida homenagem, como exemplos vivos da prática cristã e espírita.

Aos nossos prezados Confrades, srs.: Matias Correia da Cunha, Silvino Correia da Cunha, Joaquim Manuel Ferreira da Rocha e Manuel Graça apresentamos nossas respeitadas e affectuosas felicitações, fazendo votos a Jesus para que continuem vencendo todos os obstáculos no Caminho luminoso que traçaram, e que tem sabido seguir, firme e abnegadamente.

Regulamentação do jôgo — Vício hediondo e repugnante, conduzindo, numa progressiva escala descendente de miséria social, a outros vícios mais degradantes ainda, perturbando a economia de tantos lares e conturbando as consciências mais honestas num paroxismo de mórbida ambição, ponto de partida de tantíssimos crimes e suicídios — *uma das mais tremendas transgressões das leis naturais e divinas* — nunca nos convencemos de que a Regulamentação do Jôgo em Portugal fôsse sancionada por Governo algum, não obstante os balões de ensaio e as tentativas de suborno que hábilmente foram empregadas por uma caterva de ignóbeis exploradores da bolsa e da honra alheia.

Sejam quais forem as vantagens apparentes, fundamentalmente tal acto não teria uma só base de apoio material, moral ou social.

Rejubilamos, pois, pela deliberação do Conselho de Ministros, realizado em 30 de Agosto, determinando que sejam encerradas as casas de jôgo em Lisboa, Pôrto e Coimbra.

Oxalá esta medida de saneamento moral se estenda a todas as terras de Portugal, sem excepção, forçando as autoridades competentes a uma fiscalização activa e permanente.

Esta medida radical, tão necessária e urgente no nosso desvairedo país, será abençoada por Deus, porque estancará muitas lágrimas cruciantes e dulcificará muitas misérias em perspectiva.

O jôgo é o mais negregado dos vícios, porque é o fio condutor levando às mais crapulosas misérias sociais.

Touros de morte — A organização estatutária da Federação Espírita Portuguesa, no seu artigo 2.º, impõe, como uma das suas múltiplas finalidades, combater sistematicamente o mau trato aos animais, num sentido geral e radical, nitidamente naturalista e evolutivo, independente duma sentimentalidade humanitária, que, só por si, seria suficiente para justificar a nossa protecção e piedade por todos os animais.

Para o nosso país, fundamentalmente agrícola, arredados ainda em grande parte dos processos mecânicos da lavoura, o boi deveria ser sagrado, porque, rasgando as leivas da terra, é do seu esforço hercúleo,

manso, fecundo, que brotam as searas e as flores.

As touradas, duma forma geral, se não traduzissem uma criminosa e repugnante selvageria, representariam uma monstruosa ingratidão para êsse animal tão nobre e pres-timoso.

Enquanto a Espanha, pelos seus mais altos Magistrados, procura acabar ou, pelo menos, atenuar essa tradicional *festa de sangue* , colidindo com os mais rudimentares princípios de civilização, e que tanto a tem desprestigiado aos olhos dos países civilizados; — meia dúzia de desvairedos pretendem, imbecil, gananciosa ou malévola-mente, provocar em Portugal mais um motivo de descrédito e de ignomínia, não sendo já suficiente o estendal de erros e de crimes em que nos debatemos angustiosamente, e a que a imprensa diária dá, por vezes, um relêvo altamente censurável e con'agioso, numa nevrose de mórbida informação mercantil.

Sejam quais forem os proventos que daí resultem para a beneficência pública, meios tão degradantes e selvagens não podem justificar os fins da mais nobre filantropia e humanitarismo.

Nada de confusões e de sofismas.

Rematamos com alguns felizes e profundos conceitos do grande espírita, que foi Victor Hugo:

«Em todas as corridas de touros apparecem três feras: o touro, o toureiro e o público. O grau de ferocidade de cada uma destas três feras pode avaliar-se pelo seguinte critério: o touro é obrigado; o toureiro obriga-se; o público vai por um acto da sua espontânea vontade e ainda dá dinheiro. Observai bem esta gradação: — o touro, provocado, defende-se; o toureiro, fiel ao seu compromisso, toureia; o público diverte-se.

No boi: — há força e instinto.

No toureiro: — valor e destreza.

No público: — não há senão... ferocidade.»

Cartomantes, Curandeiros & C.^a —

Bem avisadamente estão procedendo as Autoridades, combatendo estes ignóbeis exploradores da mórbida credulidade inágena, que enxameiam nesta capital e em todos os recantos do país, indo, por vezes, até à mais abominável e perigosa *magia negra* .

Mal avisadamente está procedendo alguma imprensa diária, confundindo, por ignorância ou por *má fé* , esta sórdida exploração com o Espiritismo, *um dos mais nobres e belos Ideais de redenção e de resgate da Humanidade* .

Conferências espíritas — A-pesar-de atravessarmos a época canicular, a Direcção resolveu continuar, sem interrupção, as conferências semanais de estudo e de propaganda na sede da Federação, todos os do-

mingos, das 15 às 18 horas, tendo acorrido uma numerosa e selecta assistência, o que registamos com grato prazer.

Todos os sócios podem fazer os convites, que julguem convenientes, a pessoas das suas relações, ainda que estranhas à Federação e, até, ao Espiritismo, que serão sempre bemvindas.

A's últimas conferências teem presidido os nossos prezados Confrades, srs.: D. Maria O'Neill, D. Amélia Ferreira Grilo, Engenheiro Angelo Sarrea de Sousa Prado, Capitão-Tenente José Freire Grainha, Aires Vaz Raposo, Joaquim Teotónio Segurado Faria, Henry Pelletier, Dr. Mário Machado.

Conferentes, os srs.: D. Maria O'Neill, Dr. António L. Vilela, Pedro Cardia, Capitão J. B. Pinto da Silva, António Adelino de Freitas e Silva, Dr. António J. Freire, Capitão José António Lamelas, José Augusto Ferreira e Manuel Fernandes Maia.

Depois das conferências tem-se realizado, com feliz êxito, trabalhos experimentais de espiritismo e de metapsíquica, visando especialmente a catequese do Astral inferior e vidência das auras humanas.

Estas interessantes e proveitosas sessões experimentais teem sido muito concorridas pelos sócios da Federação.

Necrologia — Desincarnou a sr.^a D. Maria Pereira Dias, sócia desta Federação, mãe estremosa da nossa dedicada Confrade, sr.^a D. Ester Baeta Dias, a quem acompanhamos na sua dolorosa saúde de filha amantíssima.

Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas — Transcrevemos do conceituado diário do Pôrto — «O Primeiro de Janeiro»:

Psiquismo

Fundou-se nesta cidade, com sede provisória à Rua da Boavista, 307, a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, que em breve vai iniciar os seus trabalhos.

É um centro de observação e estudo psíquicos, contando já entre os sócios, segundo nos informam, alguns médicos, professores, homens de letras, oficiais do exército, magistrados, comerciantes, etc.

Transcrevemos também do conceituado diário — «O Comércio do Pôrto»:

Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas

O psiquismo, a que no estrangeiro inúmeros sábios teem dedicado anos de profundo estudo e meticolosa observação, vai ter também nesta cidade um centro de observação.

Está já fundada a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, com sede provisória à Rua da Boavista, 307, que, em breve, vai iniciar os seus trabalhos, para o que se está preparando há algumas semanas. Conta já no número dos seus associados, médicos, professores, homens de letras, oficiais do exército, magistrados, etc.

Quaisquer adesões podem ser enviadas para a sede daquela Sociedade.

Estando à frente da «Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas» os mais eminentes e dedicados Espíritas da capital do norte, pedimos insistentemente a todos os nossos Prezados Confrades do Pôrto e arrabaldes que estabeleçam uma íntima confraternização com esta Sociedade, prestando-lhe todo o seu carinho e dedicação, para assim a fortalecer e auxiliar nos seus trabalhos, debaixo da superior orientação da sua digna e proficiente Direcção, a quem desejamos todas as prosperidades para a realização do seu objectivo.

Caixa de Propaganda

Subscrição Permanente

Julho-Agosto de 1927

Firmino da Assunção Teixeira, Póvoa de Varzim — 300\$00; Francisco Alves, Lisboa — 300\$00; Centro Beneficente Ismael F. L., Rio de Janeiro — 100\$00; General Júlio César Barata Feio, Lisboa — 100\$00; Américo Monteiro, Bombarral — 100\$00; A. V. R., Lisboa — 100\$00; Centro Fraternalista, Alcobaça — 50\$00; Capitão-Tenente José Freire Grainha, Lisboa — 50\$00; Alfredo Lopes Xisto, Coimbra — 50\$00; Comissão Federativa de Propaganda Espírita, Portel — 22\$00; Raúl Joaquim de Pinho, Pôrto — 15\$00; Dr. Bessa de Aragão, Coimbra — 15\$00; Manuel Urbano Alves, Faro — 15\$00; Lourenço F. de Almeida, Ponta Delgada — 10\$00; Angelo A. A. Henriques, Ilha do Fôgo — 10\$00; J. Moita, Leiria — 10\$00; José Martins, Lisboa — 10\$00; Lhau Max Araújo, Lisboa — 7\$00; António Gonçalves, Almeirim — 5\$00; Manuel Ferreira, Lisboa — 5\$00; D. Maria Carlota de Azevedo, Sintra — 5\$00; José Luís de Castro, Lisboa — 5\$00; Armando José Fernandes, Pôrto — 5\$00; José Joaquim Gaito, Lisboa — 5\$00; José de Brito, Guelphes — 5\$00; D. Leonor Baltar Cardoso, Pôrto — 5\$00; D. Cristina da Costa Cabral, Mangualde — 5\$00; Flávio Cortesão, Figueira da Foz — 5\$00; Luís António Branco, Lisboa — 5\$00; Paulo José Fernandes, Lisboa — 5\$00; António Joaquim Borralho, Amareleja — 2\$50; Uma Irmã, Lisboa — 1\$00.